

Celso Antunes



Marinheiros e Professores

Crônicas simples sobre escola,
ensino, disciplina,
inteligências emocionais,
criatividade, construtivismo,
inteligências múltiplas,
professores, alunos...



 EDITORA
VOZES



CELSO ANTUNES

CELSO ANTUNES

Marinheiros e Professores

Crônicas simples sobre escola,
ensino, disciplina, inteligências
emocionais, criatividade,
construtivismo, inteligências
múltiplas, professores, alunos...

Editora Vozes

Petrópolis

2001

© 1998 Editora Vozes Ltda. Rua Frei Luís, 100 25689-900 Petrópolis, RJ Internet:
<http://www.vozes.com.br> Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora.

Primeira revisão: Erica Vitiello de Barros e Elizabeth Victorino *Editoração e org. literária:* Cássia A.S. Magalhães Kirchner e Renato Kirchner

ISBN 85.326.1987-8

Este livro foi composto e impresso pela Editora Vozes Ltda. - Rua Frei Luís, 100.

Petrópolis - RJ - Brasil - CEP 25689-900 - Caixa Postal 90023

Tel.: (0xx24) 237-51 12 - Fax: (0xx24) 231-4676.

Busquei, para estas pequenas crônicas, personagens que associassem a auto-estima com a alegria de viver, a ousadia com a coragem para desafiar seu preço e a criatividade iluminada pela ternura de quem sabe se fazer simples.

Dedico este livro a Wanda, Luli e Ceri.

Dedico-o, também, a Anna Lúcia e Andréa, que dividem comigo a sustentação dessa barra...

Metáfora: emprego de uma palavra em sentido figurado, por efeito de comparação.

(Mini-dicionário Luft, Editoras Ática e Scipione)

Todas as histórias em que se inspiram estas crônicas são reais, mas com o espírito das metáforas.

Possuem o sentido figurado e pretendem, portanto, dizer muito mais que na realidade dizem...

Sumário

Nada mais que um título...

1 . Ainda bem que não era um certo professor

2. Mas eu adoro extrair vesículas...

3. “Seu” Walter

4. Por que não usar somente o bisturi?

5. Dentro dela mora um anjo

6. Palmas ao fracasso

7. A cor da felicidade

8. Eu o amo, querido...

9. Um exterminador do futuro

10. Ora... isso são detalhes

11 . Um ato de amor

12. Uma droga de diálogo

13. Atenção à atenção

14. Aprendi a lição... já me odeio

15. Adriana banana

16. Festival gastronômico

17. Ah... e se não houvesse um incêndio?

18. A vida é sombra que passa...

19. O mercado dos sonhos
20. A invenção definitiva
21. É culpa do paciente. É claro
22. Dona Geralda
23. A família pobre de Carolina
24. A Rainha
25. A fábula da professora e as uvas
26. “Seu” Januário
27. Entre o amor e a hipocrisia
28. Antes que o absurdo vire rotina... (I)
29. Antes que o absurdo vire rotina... (II)
30. Uma volta ao passado
31. É bobagem deixar para amanhã...
32. O Luizinho da segunda fila
33. Faz tua lição, Paulinho
34. Renatão e Renatinho
35. Jefferson da Silva
36. O mau colesterol
37. O segredo de Mariana
38. A estupidez e o pecado
39. O avô de Camila (I)
40. As velhas tartarugas do Atol

41. O erro e a pessoa que errou
42. Alexandre e Vladimir
43. Mirian Nonato nasceu em Marabá...
44. A história verídica de Pedro Só...
45. A noite do ano mil
46. O avô de Camila (II)
47. Professor Tonico
48. O avô de Camila (III)
49. O ratinho de Lobato e o construtivismo de Diana
50. Um professor, uma mulher, uma flor
51. Ainda existem estrelas no céu
52. Terezinha de Jesus

Nada mais que um título...

Por que esse título? Por que não algo como “Crônicas escondidas”, ou ainda mesmo “Crônicas sobre escolas e ensino”? Afinal, não se trata de um punhado de reflexões sobre assuntos ligados ao dia-a-dia da aprendizagem e da educação?

Não. Não poderia ser qualquer um dos dois títulos sugeridos. Em primeiro lugar, porque poderia parecer plágio ao extraordinário *Estórias de quem gosta de ensinar* do Rubem Alves, e existe a decente modéstia deste professor em não tentar se igualar àquele mestre, e, também, porque um outro título “bateu de frente” na idéia, no mesmo instante em que pensei em escrever estas linhas. E título de livro é assim mais ou menos como nome de filho. Quando surge como idéia fixa, não importam os riscos futuros de sua execução.

O título que pensei foi *Marinheiros e professores*. Pensei nesse título inspirado em expressão oposta a dois “gigantes” da inteligência brasileira. Um deles, Paulinho da Viola, que menciona velhos marinheiros como os únicos que, em dias de nevoeiro, sabem levar seu barco devagar. Nada melhor do que os velhos marinheiros de Paulinho, para lembrar a figura incomensurável do professor de hoje, levando seu barco em tão tempestuoso oceano de mudanças e de contradições, que fluem desta tão difícil e imprescindível profissão. Pensei também na oposição ao título da genial obra de Jorge Amado, profundo conhecedor dos segredos, das emoções e da cultura das gentes deste nosso Brasil. Apoiado assim nesse símbolo da inteligência musical e neste outro mago fantástico da inteligência lingüística, achei modestamente que meu *Marinheiros e professores* não ofenderia a comparação com as velhas e incríveis personagens de Paulinho e Jorge.

Creio que a mais importante profissão de todos os tempos, ainda que mal remunerada e extremamente sacrificada, foi a de marinheiro nos séculos XV e XVI. Nada deveria igualar a alegria e a emoção de ser o primeiro, da proa, a avistar um mundo novinho em folha que estava sendo descoberto. Ser marinheiro nessa época valia mais, muito mais, do que cortejar a nobreza ou honrar a política.

O professor é o novo marinheiro dos tempos que chegam. No momento em que se descobrem as verdades das inteligências múltiplas e se configura o novo papel da

educação, centrada em um aluno a ser descoberto em sua extrema singularidade, emerge como o mais importante profissional do século, todos os que têm o extremo privilégio de fazer surgir, deste novo aluno, um novo ser humano. Ser professor, hoje, é ser vítima de uma profissão difícil e mal compreendida, contudo com a extrema nobreza e dignidade daqueles que têm o privilégio único de anunciar os novos tempos.

Estas pequenas crônicas falam de erros e acertos, paixão e desalento dos novos marinheiros, construtores de um século que terá o formato que a educação lhe dará.

1

Ainda bem que não era um certo professor

Sentindo que as articulações dos dedos incomodavam e que o cotovelo, além das dores normais, comuns a todo professor, queimava ao menor toque, procurou o médico.

- Ah, é ácido úrico. Não tenha dúvidas. Mas, em todo caso, vamos fazer um exame de sangue. Feito o exame, não deu outra. O índice de ácido úrico, que deveria situar-se entre 8 a 10 mg, estava beirando os 11 mg. O médico foi drástico: regime e começando já.

Privou-o do torresminho assanhado, do churrasquinho de gato do final da tarde e, quem diria, até mesmo dos grãos de todo tipo. Agüentou o regime por dois dias e foi o bastante. Ao final do terceiro, acostumou-se à dor e voltou saudoso aos pecadinhos da carne e dos grãos.

Dias depois, encontrando o médico, descobriu o que era ser drástico. Este, além do sonoro pito, proibiu-lhe o que antes já havia proibido e muitas outras coisas mais. Para assustá-lo, solicitou novo exame de sangue e, desta vez, percebeu que seu índice já ultrapassara os 12 mg. Muito preocupado, enfrentou o regime; desta vez, por cinco dias. Mas, afinal, o sábado chegou e perder a feijoada do Marcão, nem morto. Após a feijoada, acreditou que o regime tinha ido mesmo por água abaixo e esqueceu-se das recomendações médicas.

Aí a crise chegou. A gota, dura e perversa, inchou-lhe o joanete a ponto de não agüentar nem mesmo chinelo. Até o toque do lençol doía e, semi-entrevado, outro recurso não achou senão que, envergonhado, procurar o médico. Desta vez, o regime e mais os remédios foram radicais. Assustado com a dor, cuidou de seguir todas as prescrições e, quinze dias depois, novo exame de sangue trouxe-lhe o conforto e os parabéns do médico.

- Agora sim. Conseguimos baixar o índice e você, com juízo, remédio e regime, chegou aos 8 mg. Você está curado. Esqueça a gota e goze a vida...

Ainda bem que quem o atendeu foi um médico. Caso fosse um professor, certamente estaria submetido a normas regimentais ou portarias oficiais, obrigando-o a refletir que a aprovação depende sempre de uma “média”; e como seu primeiro índice, somado ao segundo e ao terceiro impunha um resultado ponderado, este certamente indicaria o cumprimento da recuperação, mesmo estando literalmente curado. Onze, mais doze, mais oito indica a média 10,3 mg. É ácido úrico demais e a recuperação inevitável. A cura é detalhe.

2

Mas eu adoro extrair vesículas...

O Diretor chama ao seu gabinete o jovem cirurgião, que há menos de duas semanas está trabalhando no hospital.

- Bom-dia, doutor Marcelo. Tudo bem com o senhor? Como tem sido sua experiência em nosso hospital? Tem sido bem atendido? Existe algo de que gostaria de reclamar?

- Não, doutor Carlos Alberto. Estou gostando muito desse meu novo emprego. Acho todos aqui extremamente competentes, os suprimentos em ordem, as salas de cirurgia excelentes e todas as enfermeiras muito atenciosas. Na verdade, estou adorando...

- Fico feliz em saber. Este hospital é minha vida e quero que todos sintam um imenso prazer em exercer sua missão. Mas chamei-o aqui por outro motivo. Estive analisando o prontuário de suas cirurgias e fiquei muito preocupado. Em dez dias, o senhor fez quinze extrações de vesículas? Será que não houve um exagero? Em minha atividade como médico, por dezenas de hospitais que passei, jamais percebi tão elevado índice de cirurgias específicas e, ainda mais, feitas por um único médico. Por favor, doutor Marcelo, o que está havendo?

- Não está havendo nada de anormal. Adoro extrair vesículas. Foi minha especialidade na área médica, fiz pós-graduação sobre esse tema e estou finalizando minha tese. Leio tudo sobre o assunto. Tenho até um “site” na Internet, estou “plugado” no assunto. Sem extrair vesículas, minha vida profissional não teria o menor sentido...

-Mas, diga-me uma coisa, doutor, e seus pacientes? Estavam com problemas na vesícula? Era necessário extraí-las?

- Ora, doutor, sua pergunta é irrelevante. Sei lá se estavam ou não com problemas na vesícula. Isso é um detalhe clínico, o que importa é que fiz lindas cirurgias e isso só pode engrandecer meu currículo e, é claro, seu hospital. E agora, se o senhor me permite, estou correndo para a cirurgia. Chegou uma nova paciente e com uma vesícula novinha em folha...

Não poucas vezes, isso também acontece com alguns professores.

Ao invés de empenharem-se em ensinar o aluno a aprender, a construir conhecimentos a partir de informações presentes em seu cotidiano, apegam-se a um superado “conteudismo” e passam a ensinar o que gostam e não o que é imprescindível.

3

“Seu” Walter

A professora Márcia, responsável pelas aulas de Redação das quintas e sextas séries, tinha mesmo idéias geniais. Os temas que escolhia permitiam profundos mergulhos na alma dos alunos e as redações, além de refletir o conhecimento de suas técnicas, a riqueza do vocabulário e a estrutura da língua, abriam espaço para que cada um passasse a limpo suas alegrias, frustrações, mágoas, ansiedades, inseguranças e, principalmente, fantasias. E quantas fantasias...

Desta vez, entretanto, o tema indicado parecia nada ter de original. Pedia aos alunos, apenas, que descrevessem suas opções para “A pessoa mais importante da minha escola”. Com certa expectativa, até mesmo porque o tema passado em aula não abrigava a possibilidade recíproca de consultas, ficou aguardando quem poderia vencer o pleito. Com singela vaidade, pensou em si mesma, mas, depressa, afastou a idéia. Deveria ser o Márcio, professor de História, com seu jeitão amigo, seu sorriso simpático e a comovente ternura com que derretia os ansiosos corações das meninas. Não seria, por acaso, o Sérgio? Professor de Matemática que alternava do mau ao bom humor com frequência, mas que amava os números muito mais que a si mesmo. E se fosse a professora Mirian, diretora e dona da escola e que, muito estimada pelos pais, sabia fazer com sutil esperteza sua autopromoção?

Com sincera curiosidade, aguardou a resposta. Viu no “jogo do contente” da sua vida essa busca, até mesmo como pretexto para tornar mais doce o fardo da correção. As opiniões dos alunos, em sua segura maioria, surpreendeu-a porém. A escolha de três em cada cinco alunos recaiu sobre a figura do “seu” Walter: responsável pelos diários de classe, giz, apagador, retroprojetores, telas, mapas, telões e um mundo mais; e ainda improvisado provedor de aventais, lanches esquecidos, caixinhas de giz abandonadas, cadernos perdidos, romances secretos. Sem acumular as informações técnicas dos mestres que por ele passam agitados, sem o domínio das novidades que a criançada tem na ponta da língua, “Seu” Walter

acumula a paciência da vida, a serenidade dos tempos, a sabedoria do sofrimento. Felizes são todos quantos podem acumular o privilégio de percebê-lo.

Por alguns minutos ficou surpresa. “Seu” Walter? Quem diria? Pequeno, lacônico, simples, quase nada na visão utópica dos que buscam heróis; pessoa importante de verdade na sensibilidade pura de crianças, que descobrem que pessoas imprescindíveis não são as que surgem em momentos mágicos, mas a figura constante, humilde, segura, serena, que garante a certeza de que o essencial não precisa de qualquer artificialismo para ser descoberto.

“Seu” Walter era apenas um tijolo da monumental construção que é o ensino; mas são tijolos pequenos as peças imprescindíveis que sustentam as catedrais do saber.

4

Por que não usar somente o bisturi?

Acidente na madrugada. Saindo, nem tão sóbrio assim, da festa regada a uísque e champanha, o garotão sentiu-se em plena Fórmula Indi e voou com o carrão novinho em folha com que o pai o presenteara por quase ter ingressado na Faculdade. Como o poste da esquina não havia sido convidado para o circuito oval, a batida, de frente, foi inevitável e, embora sem grande gravidade, era necessário buscar um médico o mais depressa possível. Alguém lembrou da médica e, minutos depois, acordaram a doutora Marília, recém-saída da faculdade. Prontamente disposta a atender esse caso, a doutora respondeu em um instante:

- Esperem um pouquinho, vou apenas vestir um moleton, passar o batom e já estarei com vocês para ver o que é possível fazer. Não mexam no paciente até minha chegada e, rápido, acionem os bombeiros.

Cumpriu a palavra. Segundos depois, de moleton mal vestido, mas boquinha pintada, lá estava a doutora Marília, pronta para atender um de seus primeiros casos. Um dos implorantes estranhou:

- A doutora não trouxe sua maleta! Não é melhor ir apanhá-la? O rapaz não está em estado muito grave e um minuto a mais ou a menos parece não importar...

- Maleta? Que bobagem! Essa história de maleta de médico já era. Hoje eu uso apenas um instrumento. Vamos lá, que meu bisturi já está no bolso...

No caminho ainda tentaram argumentar. E se fosse necessário outro instrumento cirúrgico? Uma pinça, quem sabe... ou ainda se o caso exigisse uma sutura? Será que somente um bisturi poderia resolver todas as exigências? Será que outros instrumentos, neste caso, não resolveriam melhor que o bisturi?

Mas nada convencia a jovem doutora. Essa história de conhecer outros recursos e usá-los conforme o caso era pura bobagem. Sabia usar somente o bisturi e, fosse qual fosse o caso, haveria de usá-lo. Desnecessário dizer que o problema do acidentado exigia tudo, menos um bisturi. A sorte foi que a equipe paramédica chegara junto e, com instrumentos certos para a situação, puderam salvar o garotão, levando-o, com sérias escoriações, a um pronto-socorro.

Isso também acontece com alguns professores.

Passaram a vida escolar assistindo apenas aulas expositivas e imaginam que a única forma de construir conhecimentos é através dessa técnica. Esquecem que a aula expositiva, como o bisturi, é um excelente instrumento, mas que estudo dirigido, jogos operatórios, técnicas de sensibilização e outros recursos, são instrumentos que completam a construção do conhecimento e o treinamento das habilidades, que apenas a aula expositiva nem sempre pode fazer.

5

Dentro dela mora um anjo

Ângela é professora de Ciências. Poderia ser, também, de Inglês, Geografia, Matemática, não importa.

Ângela está arrasada. Preocupa-a seu filho, Rodrigo, com 14 anos, precisando de um pai sempre ausente e da mãe, nunca com tempo. Desespera-se em pensar que pode estar usando drogas e sente-se tristemente incapaz de conciliar seu carinho insubstituível com o sustento do lar imprescindível.

Além de Rodrigo, preocupa-a sua mãe diabética, desiludida e cansada e sua teimosia em não seguir as prescrições médicas. Precisaria de mais tempo para a mãe. Deus do céu, como precisaria! Seu casamento, em frangalhos, já apontava para pesada escuridão, quando teve ainda aquele infeliz acidente em que bateu o carro, tornando o dinheiro mais curto e o trabalho muito mais difícil.

Ângela descobre-se a última entre as mulheres. Sente-se horrível.

Quando entra em aula, porém, alguma coisa acontece. Mal acaba a chamada e sente-se envolvida por uma energia estranha, por um toque mágico que a desprende de todos os seus pequenos dramas. Envolve-se com seu ensino, fala, canta, ri, brinca, interage com os alunos e constrói em cada um, dentro do universo mágico de sua individualidade, a aprendizagem do que ensina.

Suas aulas são soltas, alegres, interessantes e a disciplina flui pela gostosa espera com que cada classe a recebe. Ninguém fica ausente de sua fala, ninguém está a salvo de seu olhar carinhoso, meigo, atento. É agitada, buliçosa, vibrante. Suas aulas são assunto de toda a escola e suas “tiradas”, o papo inegável de todo recreio. É impossível não adorá-la!

Quando, vez por outra, precisa faltar, a escola sente, os alunos reclamam, o dia torna-se murcho. Já ouviu dizer que alguns, quando acordam, até murmuram:

- Que legal, hoje tem Ângela! Se na sala de aula houvesse um espelho, Ângela gostaria de se ver.

Ângela é a mais linda das mulheres.

6

Palmas ao fracasso

Andréa nunca soube dizer qual filho amava mais.

Luciano, agora com quinze anos, um excelente aluno, ótimo filho e magnífico atleta.

Sem prejuízo de seu desempenho nas disciplinas curriculares, sempre foi “vidrado” em esportes de maneira geral e no vôlei, de forma específica. Por uma partida, paga qualquer preço e, seja qual for a renúncia que a mesma imponha, sabe cumpri-la com extrema dignidade e sem jamais reclamar.

Alexandre, com doze anos, é deficiente físico. Arguto, inteligente, extremamente carinhoso e com empatia que chega às raias da paixão, segue sua vida limitada pela cadeira de rodas. Da cintura para cima é perfeito e, mesmo com suas deficiências motoras, consegue ser um verdadeiro ídolo de seus colegas, sempre chamado para qualquer festa e envolvido em todas as participações e bagunças promovidas por sua turma.

Andréa está vivendo com os filhos uma fase de euforia. Luciano, após muita luta, foi convocado para representar seu país nos jogos internacionais de vôlei que se realizará, no mês de julho, em Helsinki. Alexandre, após exaustivos exercícios nas barras paralelas, conseguiu, afinal, caminhar dois metros sem o uso da cadeira. É, ainda, muito pouco, mas com persistência e muitas horas de fisioterapia conseguirá, quem sabe um dia, manter-se em pé por alguns minutos.

Qual dos dois sucessos empolga mais Andréa?

Impossível dizer. Não existe como comparar a seleção brasileira de um e os dois metros vencidos pelo outro. O que a torna eufórica com o desempenho de seus dois heróis são, essencialmente, seus progressos e não seus resultados. Luciano é Luciano

e Alexandre é Alexandre e, jamais, o limite de um servirá de parâmetro para o limite do outro.

Nem todos os professores pensam assim...

Avaliando seus alunos pelos rígidos limites de uma nota, descobrem apenas o ponto máximo a que podem chegar e não a dimensão do progresso de cada um durante o ano letivo. Se um de seus alunos “cresceu” muito durante o ano e a bagagem de conceitos que domina é o dobro dos que dominava há um ano, isso de nada vale diante do parâmetro absoluto e tirano de uma nota que define o limite da reprovação. Para professores assim, apenas Lucianos interessam...

-Progrediu muito, mas não pode passar. Não chegou à média cinco. Parabéns para um outro colega que, durante o ano, apenas regrediu, mas cujo resultado ultrapassou o absurdo número-limite.

7

A cor da felicidade

Ana Cláudia freqüentava aulas no segundo colegial. “Freqüentava” é a palavra correta, uma vez que seu interesse era mínimo e sua participação, a mais apagada possível. Ana Cláudia era a mais clara expressão do desânimo, da apatia e chatice.

Como seu estado de humor gelava qualquer assunto e como sua constante irritação afastava todo pretendente, Ana Cláudia passava pelos dias sem entusiasmo, sem amigos, sem ser percebida. Sua auto-estima só não era mais baixa que sua apatia e seu desinteresse pelos colegas, funcionários, professores. Ana Cláudia era uma sombra.

Um dia, na hora do intervalo, conheceu Caetano. Aluno novo, um ano mais velho. Pouco sabia de sua fama e, buscando romper a insegurança de mais amplos relacionamentos, procurou aquela garota de ar enfatiado para conversar. Tempos depois, sem muito jeito, começaram a namorar.

Dois meses depois, Ana Cláudia já era outra pessoa. Risonha, animada, falante, sabia ouvir com simpatia e sugerir com ternura. Suas amizades cresceram e, pouco a pouco, seus professores descobriram uma nova pessoa na aluna conhecida. Seu interesse pelas aulas cresceu, as notas saltaram, mas, mais ainda que o progresso intelectual, acendeu-se sua estrela e um brilho de amanhecer acompanhava, sempre, sua expressão.

Em verdade, Caetano pouco ensinou à namorada. Mostrou-lhe apenas que era uma criatura única, singular, incomparável. Dissera-lhe, certa vez, que as linhas de seu polegar continham mais individualidade que todas as constelações do espaço. Ao perceber-se única, Ana Cláudia descobriu-se mortal. Sentiu que cada segundo de sua vida abrigava o segredo eterno de jamais repetir-se e, por ser assim, precisaria ser vivido com intensidade, degustado com inefável prazer.

Com Caetano, Ana Cláudia descobriu-se. Ao descobrir-se, identificou o outro, integrou-se ao mundo, descobriu a cor da felicidade e aprendeu a navegar ao sabor do tempo.

Eu o amo, querido...

- Eu o amo querido... sempre o amarei.

- Amo por muitas coisas e, entre tantas, não sei dizer qual a mais importante. Amo sua Ferrari vermelha com capota conversível, amo seus ternos de cortes perfeitos, feitos pelo Armani especialmente para você, amo o agreste perfume exclusivo que o Hugo Boss desenvolveu para a pessoa mais querida do mundo, amo seu castelo em Campos do Jordão e, quer saber, amo até mesmo seus motoristas simpáticos, seus mordomos afáveis, seus cozinheiros filipinos. Amo seu apartamento de cobertura em Higienópolis, tanto quanto o amo pela mansão do Guarujá...

- Eu o amo, querido... sempre o amarei.

- Amo-o por essa maneira simpática com que você dá gorjetas de cinquenta reais a todo manobrista, adoro essa ousadia e coragem com que você pilota seu avião de recreio e amei-o, mais ainda, quando você me falou de sua conta em bancos suíços. Amo seu jeito descontraído de pilotar o Jet Sky, sua adorável simpatia de levar-me apenas a restaurantes de primeiríssima e, até mesmo, amo o provincianismo simples de sua fazenda em Araraquara. Enfim, meu amor, não há nada que eu não ame em você.

- Mas, espera aí. Não ouvi você falar de amor por meus sentimentos, pela minha auto-estima, pela forma como amo e percebo você. Nada ouvi até agora sobre minhas emoções e por tudo quanto sou, independente das coisas que tenho. Gostaria de ser amado menos pelas embalagens que carrego e muito mais por tudo ou o pouco que sou. Existe algum amor em você por esse meu lado?

-Para ser sincera, meu bem, nunca havia pensado nisso. Para mim, você é a expressão dos seus resultados e é essa expressão e esses resultados que aprendi a amar. Só sei amar desse jeito...

Ainda existem alguns professores que vivem sua missão desse jeito. Encaram o aluno apenas por seus resultados, pelo frio diagnóstico de suas notas e pelo desempenho em seus trabalhos.

Não aprenderam a perceber o aluno, também, por suas emoções. Por seu entusiasmo ou apatia, suas alegrias e tristezas, seus sonhos e sua insegurança. Suas aulas são apenas dirigidas para tudo quanto o aluno pode ter, jamais para aquilo que efetivamente o aluno é.

Um exterminador do futuro

Ana Lúcia tem cinco anos. Adora fazer seus desenhos e, orgulhosa, constrói com paciência um lindo cavalo azul.

Apresenta-o a seu pai:

-Ah, desculpe, filhinha. Isso não parece, de maneira alguma, um cavalo...

O pai de Ana Lúcia, ainda que bem intencionado, não agiu de forma correta. Não percebeu que na idade da filha a janela da inteligência pictórica, que a leva a desenhar, insinua-se diante de sua inteligência espacial, levando-a a fantasiar, e que sua resposta representa forte desestímulo. Pode estar, sem perceber, sendo um pequeno exterminador da linguagem gráfica de Ana Lúcia.

Deveria, então, mentir? Deveria fingir que o desenho é lindo, maravilhoso, elogiar a filha e, desta maneira, cultivar a mentira, a insinceridade?

Claro que não. Se assim o fizesse, estaria substituindo o estímulo pela hipocrisia e, um pouco mais tarde, Ana Lúcia iria descobrir que seu pai não expunha um juízo crítico e que, portanto, sua opinião era sempre uma farsa. Sua inteligência espacial e pictórica havia perdido a sensibilidade de um poderoso aliado na figura mágica de um pai educador.

Como deveria, então, agir?

Deveria, é claro, elogiar. Mostrar à filha que aceita com aplauso a maneira como ela “vê” um cavalo. Que respeita essa maneira e, pacientemente, mostrar como ele, o pai, costuma “ver” e, portanto, ilustrar cavalos. Nem anulação do esforço, nem mentira hipócrita, mas a singela percepção de que pessoas

diferentes podem enxergar de formas diferentes os mesmos objetos. Ana Lúcia, certamente, estaria sendo estimulada a comparar sua maneira de perceber o mundo com a do pai e, eventualmente, criar uma terceira maneira de ver cavalos...

O pequeno exemplo de Ana Lúcia pode transportar-se da casa para a sala de aula. Poderia também, se ambientado em uma sala de aula, ser transportado para a casa. O que vale é a consciência do educador e não onde o mesmo está atuando.

Ora... isso são detalhes

Não suportando a violência da dor de cabeça e sua persistência por mais de dois dias, preocupada, professora Marianinha procurou o médico:

- Ah, doutor. já não agüento mais. No início tomei apenas um comprimido. Como a dor não passou, ouvi minha avó. Aí então, tomei chá de alho, mel com agrião, água com açúcar, alecrim amassado e melissa aos montes. Mas a dor não diminuiu. Desesperada, fui conversar com uma amiga e ela me garantiu que minha dor era apenas de natureza psicológica. Indicou-me algumas leituras de auto-estima e, de passagem, um tipo de oração aos anjos. Nada. Desesperada tentei gnomos, fadas, pombagiras e tudo mais. Fui a terreiro de candomblé, ouvi pregações metafísicas, dei pulinhos para Santo Antônio, cortei o sal, engoli óleo de rícino, passei um dia inteiro apenas comendo laranja com berinjelas e... a dor não passa. Foi então que resolvi procurar pelo senhor.

- Fez muito bem, minha filha. Deveria ter-me procurado antes e, assim, teria se livrado de mezinhas e bobagens. Eu sou, além de médico, um cientista e jamais poderia sugerir a um paciente qualquer remédio que não tivesse o valor inquestionável de uma comprovação. Esqueça suas aventuras pela saúde e tome este remédio. Verá que em menos de meia hora sua dor de cabeça desaparecerá ou sumirá como afirma a propaganda. São três colheres e trezentos reais. Pode ter certeza...

-Tudo bem, doutor. Aceito o argumento. O preço é alto, mas pela minha cura faço tudo. Diga-me, apenas, de que maneira esse remédio atua em meu corpo, fazendo passar essa dor de cabeça que não termina?

-Ah, minha filha. Isso é querer demais. Sei lá como funciona o remédio. Isso é apenas um detalhe. A verdade que já prescrevi para mais de vinte pacientes e, todos,

saíram-se bem com o mesmo. Se fez bem a todo mundo, é claro que vai curar sua dor. Pague e pegue o remédio que eu tenho mais clientes para essa mesma receita...

Existem professores que agem dessa maneira...

Entregam-se ao ensino, dedicam-se intensamente às suas aulas, recomendam lições e estudos dirigidos a seus alunos, aplicam provas sistemáticas. Fazem todo trabalho pedagógico porque acreditam que, assim como aprenderam, assim também seus alunos aprenderão. Infelizmente não se preocupam em descobrir como “acontece” a aprendizagem, de que maneira o cérebro processa e constrói conhecimentos, porque aprendemos como e para que aprendemos.

Ministram com esforço e dedicação o remédio, mas pouco se interessam pela cura.

Um ato de amor

Hora do intervalo na escola estadual. Lá no pátio as crianças brincam, correm, brigam, conversam, paqueram. Nasala de professores, coloca-se assuntos em dia. Uns atualizam seus diários de classe, outros folheiam o jornal, a maioria conversa sobre o salário e tudo quanto ele jamais poderá comprar. De repente, a conversa é interrompida pelo ingresso repentino de uma jovem, com roupa de enfermeira, solicitando uma desesperada ajuda:

- Por favor. Será que alguém pode ajudar. Estamos lá no hospital, aqui ao lado, com um paciente “aberto” e o médico desmaiou. O anestesista nega-se a continuar a cirurgia e eu não sei o que fazer. Será que algum dos professores pode ir até lá e dar continuidade à operação?

Não. Infelizmente não. O ato cirúrgico é um procedimento altamente profissional e somente especialistas em saúde podem promovê-lo. O professor pode sentir extrema solidariedade pelo paciente e até pela enfermeira em seu santo desespero. Mas, nada pode fazer para ajudar. Nenhum professor é especialista em atos cirúrgicos.

Não é, também, especialista em atos jurídicos. Para isso existem advogados e, se chamados a defender um réu, certamente teriam a dignidade de recusar. Toda sociedade brasileira compreende que o ato cirúrgico é para o médico, o ato econômico, para o economista, o ato jurídico, para o advogado... e assim por diante. Compreende, enfim, que cada profissão se expressa pela execução de sua missão, através do exercício de um perito especialista no uso dessas habilidades.

Será que compreende, mesmo?

Infelizmente compreende em parte. O ato pedagógico, o riais nobre dos gestos de amor, é ministrado por professores, mas muitos crêem que também médicos, engenheiros, advogados, administradores, sapateiros, farmacêuticos, mecânicos,

meteorologistas e sabe-se lá mais quem mais, podem “dar uma aula”. Afinal, basta conhecer um assunto e ir lá à frente falar sobre o mesmo...

Infelizmente poucos sabem que a verdadeira aula consiste em ensinar a aprender, treinar a atenção, desenvolver habilidades, fazer do conteúdo um instrumento para a descoberta de soluções novas. A sociedade brasileira, com raras exceções, ainda não descobriu que, se existem aulas que não levam ninguém a lugar algum, existem outras que constroem o ser humano e exploram toda incrível potencialidade de suas múltiplas inteligências.

A verdadeira aula é um nobre ato. O ato pedagógico é o ato do amor.

Uma droga de diálogo

- Pois é, meu filho, já fazia tempo que a gente não conversava. Eu até já estava sentindo falta e, é claro, a culpa não é sua, tanto que várias vezes andou me procurando para um papo e eu sempre sem tempo. Mas, desta vez, resolvi conversar com você. Adiei algumas coisas importantes, que não poderiam ser adiadas, que diabo! Você também é um pouco importante. Então, tudo bem?

-Tudo, eu até...

- Bem, a escola como vai? E os amigos? Você ainda brinca com o Zezinho? E o futebol? Tem assistido? Ouvi dizer lá no escritório que você anda jogando um boião! É mesmo verdade? Se for, talvez um dia você possa até se igualar ao craque que fui, em meus tempos de menino. Não havia melhor zagueiro em todo Campo Belo. Algumas vezes, cheguei até a pegar a bola em minha área, sair driblando e chegar até à cara do gol adversário. Bem, mas voltando ao nosso diálogo, eu bem que poderia trazer algumas revistinhas da banca lá de frente do escritório. Você adora o Pateta e o Patinhas, não?

- Bem, pai, eu agora já estou com quinze anos...

- É mesmo, filho! Como o tempo passa! Às vezes até esqueço que você já tem quinze anos. Puxa vida! E o estudo, como vai? Em que série mesmo você está? Outro dia ainda, recebi um convite para ir a uma reunião em sua escola, mas você sabe como é, a gente nunca tem tempo... Mas, voltando à nossa conversa, eu precisaria saber se você está precisando de alguma coisa. Você sabe, a vida está dura, mas, caso precise, pode falar, pois se há um pai que quer sempre estar presente, sou eu. Precisa de alguma coisa?

- É, eu precisava...

- É isso aí! Faça o seguinte: fale com sua mãe, pois eu não tenho tido tempo de falar com ela. Veja o que você precisa e eu deixo um cheque. Mas, voltando ao nosso papo, você já arrumou alguma namorada? Eu, na sua idade, era o terror do Campo Belo; sabe que não houve uma única garota no bairro com quem eu não tivesse, pelo menos uma vez, arriscado uma paquera. Espero que você seja como seu pai.

- É...

- Bem. O papo está gostoso, mas eu estou com pressa. Preciso ir tomar uns uisquinhos com o Sérgio, que na semana que vem estará aniversariando. Adorei falar com você. Tchau.

O Senhor Arnaldo ficou uma fera quando soube que seu filho havia sido encontrado com droga:

-A senhora sabe, professora. É um absurdo. Em casa, jamais faltou diálogo entre pai e filho...

Atenção à atenção

- Preste atenção, Paulinho... Eu vou mudar a Adriana e a Melissa de lugar; juntas, vocês jamais prestam atenção...

-Atenção alunos... Atenção... já falei... não ouviram? Se não prestam atenção, como podem aprender? Não sabem que somente os alunos atentos podem passar de ano? Preste atenção, Raquel... Eu aqui falando sobre a importância da atenção e você nada de prestar atenção...

- Prestem atenção porque isso “cai” na prova. Sem atenção, o zero é inevitável. Essa classe é um exemplo, existem aqui quatro alunos repetentes. Eu não vou falar o nome, mas vocês todos sabem quem são, e por que repetiram o ano? Todos sabemos: repetiram o ano porque não prestaram atenção.

- Bem, na quarta-feira haverá uma reunião de pais e eu vou falar com a mãe ou o pai de alguns de vocês. Vou dizer que suas notas estão baixas porque vocês não prestam a devida atenção. Atenção, Marcelo! Eu aqui falando que vou conversar com seus pais sobre a falta de atenção e você não presta atenção... é incrível! Em resumo, minha gente, sem atenção o aluno não sai da educação infantil. Se sair, garanto que não conclui o ensino fundamental; se concluir, empaca no ensino médio e, caso não empaque, jamais entrará em uma faculdade. Eu mesmo conheço uma porção de alunos que não prestaram atenção e fizeram um péssimo curso superior. Portanto, vamos tratar de prestar atenção. Eu aqui falando e o Ramiro com o braço erguido há meia hora. Pergunte, Ramiro, qual sua dúvida, afinal?

- Bem, professora... eu gostaria de saber como prestar atenção. Eu sei que a atenção é importante, concordo com tudo

quanto a senhora falou, gostaria de prestar atenção mas, sinceramente, não consigo. A senhora poderia, por favor, explicar como prestar atenção?

- Ora, Ramiro, sinceramente... você já está na sétima série e vem com uma pergunta boba dessa. Tem cabimento um aluno não saber como prestar atenção? A atenção se presta, prestando atenção. Imagine se eu, professora de Ciências, atrasasse meu programa para ensinar alunos a prestar atenção. Tem cabimento? Sua pergunta é boba demais. Vamos voltar à aula...
- Não tem mesmo jeito. Alessandra e Miguel, para fora, vocês não prestam atenção...

Aprendi a lição... já me odeio

- Menino... tira a mão daí... Menina... olha essa maneira de sentar...
- Não suba na árvore... Saia já do muro... largue esse brinquedo
- Se você falar de novo esse palavrão, passo pimenta em sua boca. Onde você aprendeu isso? Aqui em casa, garanto que não foi... É um absurdo, uma vergonha, alguém, assim tão pequeno, com esse vocabulário...
- Seu trabalho está bom, mas você errou na introdução, essa capa está horrorosa e, onde já se viu escrever sexo, com q, u, i?
- Você precisa ter mais cuidado quando anda, quando senta, quando come, quando fala. É um estabonado e quem quer que seja que não o conheça, acaba pensando que você é um débil mental.
- Não. já disse “não” mil vezes. Não porque não e pronto. Meu não é definitivo.
- Será que você poderia sair da frente dessa televisão? Parece um robô, o dia inteiro grudado diante dessa tela. Por que não vai brincar lá fora?
- Você quer fazer o favor de entrar. Pensa que sou lavadeira, ainda agora mesmo vestiu essa roupa e veja como está. É uma vergonha. Você não ama mesmo sua mãe, se a amasse manteria seu quarto em ordem, sua roupa limpa, sua mochila pendurada, seus cadernos encapados. Você é mesmo uma tragédia.
- Gastei quase uma caneta inteira corrigindo a prova dessa classe. Erros incríveis, alguns até que parecem feitos de propósito. Agora vou devolver as provas e comentar os principais erros cometidos. Os principais, porque se fosse comentar todos, passaria o ano inteiro aqui na frente...

As frases e expressões acima são ouvidas em toda parte, em corredores de escolas ou em aposentos de casas. A pedagogia do erro prevalece e a criança e o adolescente são percebidos pela falha, pela insegurança, pela indecisão, pelas “mancadas”. Sobre o certo, o bonito, sobre a tentativa, sobre o esforço, raramente se fala. Filhos e alunos, em geral, são adestrados para serem olhados com menosprezo, pequenez, vergonha. Querer-se bem parece ser pecado e a auto-estima, além de não praticada, é vigiada e punida.

A infância passa rapidamente, a adolescência dura um instante e a própria vida escorre como água pelos dedos. Mas, valorizando o defeito, esquecemos de abrir-nos irremediavelmente para o imenso amor em sentir-nos vivos e em perceber que o instante que passa é breve demais para não ser devorado com ilimitada paixão.

Adriana banana

Adriana adorava falar sozinha. Afinal, aos seus seis anos, não havia nada mais gostoso que inventar histórias e ir falando as coisas que vinham à cabeça. Nada era tão bom quanto conversar com suas bonecas e, lá do terraço, conversar com os adultos que, apressados, passavam pelas ruas.

Nessas ocasiões era repreendida, com aparente carinho e ternura, por sua mãe:

- Não faça assim, Adriana. As pessoas não a conhecem... nós só podemos falar com quem conhecemos e, além do mais, você já é uma mocinha. Precisa perder essa mania de falar sozinha. Somente as pessoas que não são boas da cabeça conversam com coisas que não têm vida...

Adriana não entendia direito esses conselhos. Suas bonecas, é claro, tinham vida e ela conhecia pessoas, mesmo que nunca as houvesse visto.

Na escola, Adriana adorava desenhar. Achava um dos momentos mais gostosos da vida fazer elefantes vermelhos, cavalos roxos e flores azuis.

Sua professora nesses momentos, também supondo muito carinho, a corrigia:

- Não, Adriana. Não existem elefantes vermelhos e nem cavalos roxos. Por que você não faz lírios brancos, com folhas verdes?

Aos domingos, Adriana adorava passear com seu pai pelo parque. Tinha enorme vontade de rolar pela grama e abraçar as árvores que pareciam ter a altura do céu. Seu pai, também com ilusória ternura, a aconselhava:

- Não, Adriana, os caminhos no parque foram feitos para que respeitemos o gramado, e abraçar árvores suja a roupa e ainda te enche de formigas...

Nesse ambiente de carinhos e de conselhos Adriana cresceu. Cresceu tímida, murcha, opaca. Tornou-se uma adolescente sem graça, com medo de tudo e achando qualquer pequena aventura uma loucura de suas amigas insensatas.

Estranho é que crianças educadas com tantos e tão bons conselhos como Adriana pudessem evoluir para adolescentes vítimas de colegas impiedosos, que sempre a agrediam com apelidos maldosos. Era muito triste saber que, por onde andava, Adriana tinha que ouvir:

- Adriana banana... Adriana banana...

Festival gastronômico

- Eu acho um verdadeiro absurdo. Contratei você como cozinheira, verifiquei seu currículo, que por sinal é excelente, pago o salário que você pediu, aprovei todas as suas experiências culinárias e, agora, encomendo um prato e você diz que não é capaz de fazer porque não sabe a receita? Você é ou não uma cozinheira?

- Eu sou cozinheira. Tenho orgulho de minha profissão, já trabalhei em inúmeras casas de família e até em um restaurante de hotel exerci meu trabalho. Sei tudo sobre alimento, conservação, tempero, misturas e sei, de cor, dezenas e quem sabe até centenas de receitas, mas não sei, não ouvi falar na receita desse prato indonésio que a senhora comeu. Se, ao menos, eu tivesse experimentado ainda poderia arriscar.

- Isso que você está me dizendo são desculpas esfarrapadas. Uma boa cozinheira faz qualquer prato, com ou sem receita. Receita é coisa para cozinheiros inexperientes. Para novatos em suas profissões. Já fui tolerante demais. Você tem meia hora para preparar o prato que comi e cujo nome nem sei e, se não conseguir, vou despedi-la. Ora, onde já se viu, querer receita para fazer um simples prato asiático?

Infelizmente, alguns diretores de escola pensam como a patroa. Acreditam que o professor, por trazer um diploma, é absolutamente capaz de conhecer todos os meios e todas as estratégias que envolvem a administração de um ato pedagógico. Não se preocupam em promover cursos, estimular leituras, criar, enfim, na escola, um ambiente propício e estimulador da troca

de experiências e, conseqüentemente, o aperfeiçoamento de sua equipe docente.

A história da receita está muito próxima da questão do controle da disciplina em sala de aula. Alguns professores, que conhecem receitas, administram-na muito bem; outros não a conhecem e raramente têm oportunidade para aprendê-la. São criticados por não manterem a classe em clima de envolvimento e aprendizagem. Não porque

não o querem, mas por ignorar certos procedimentos que seus colegas mais experientes teriam prazer em ensinar. A maneira de tornar explícito o limite do permitido e do não-permitido, a coerência na cobrança desses limites, a forma de usar a lousa sem deixar de acompanhar os movimentos da classe, os princípios norteadores do momento das perguntas, a mudança do estilo da aula e a variação de estratégias ocasionam verdadeiros “milagres” no controle disciplinar da sala.

O dia em que algumas escolas descobrirem como podem crescer, aproximando, sem preconceito e com autêntica alegria, velhos marinheiros de marinheiros novos, as receitas deixarão de ser domínio de poucos e todos crescerão bastante. Ganha o aluno, o professor e, naturalmente, ganha a escola.

Ah... e se não houvesse um incêndio?

Naquele escritório, situado no 26º andar do moderno prédio da nova avenida, ninguém sabia seu nome. Não sabiam também onde morava, se era casado ou solteiro, se tinha filhos. Ninguém jamais teve tempo para perguntar o que lhe causava alegria ou tristeza ou se, às vezes, vibrava com a vitória de qualquer time de futebol. Também pudera! Belmiro não era um funcionário importante diante das magnas estrelas da poderosa multinacional.

Seu trabalho era apenas o de esvaziar cestos de lixo, separá-lo criteriosamente, varrer salas e manter as dependências limpas. Somente quando faltava e o lixo acumulava é que percebiam sua ausência... Nessas ocasiões, mal-humorados, os auxiliares e executivos reclamavam a falta do “cara”.

Mas, uma tarde, uma terça-feira de doída lembrança, um violento incêndio irrompeu pelo escritório. Voraz, assustador, em poucos minutos se alastrou da parte elétrica para as persianas e o acúmulo de papéis fez-se combustível favorável. Desesperados, alguns buscaram as janelas, outros a escada e outros lembraram-se desesperadamente do heliporto, dois andares acima.

Belmiro não. Movido, sabe lá Deus por qual sentimento, atirou-se sobre vidraças, galgou mesas, tirou uma, depois outra e, finalmente, muitas pessoas da sala, levando-as para locais aparentemente mais seguros. Cortou-se, sufocou-se várias vezes, mas, tomado de uma febre pela vida, desviou-se de pessoas aterrorizadas e somente parou quando os bombeiros o seguraram. Um repórter, depois outro, souberam de seu gesto e, no dia seguinte, Belmiro transformou-se em herói. Os jornais diários traziam sua foto, mostrando a feição ensandecida e o pessoal do escritório passou a relatar, com incomensurável orgulho, que o conhecia. Descobriram que morava em um cortiço da periferia e até uma “vaquinha” foi feita para presentear-lo.

Mas, de toda a história, resta uma dúvida somente: E se não houvesse ocorrido o incêndio? Belmiro seria menos herói? A grandeza de sua alma seria, por acaso, mais limitada? Seu desprendimento pelo outro, eventualmente, não existiria? Será que é necessário a explosão da tragédia para fazer de homens comuns homens especiais?

As dúvidas se esparramam pela escola e pelas salas de aula de todo dia. Nessa comunidade agitada, certamente, existem gigantes anônimos, heróis e heroínas escondidos pela falta de uma ocorrência.

Será indispensável uma tragédia? Ou será que pode existir um projeto que pretenda resgatá-los?

A vida é sombra que passa...

Bradbury é nome de um genial escritor norte-americano. Seus contos navegam pelo imaginário e esse mestre faz das fantasias a matéria-prima para reflexões profundas que encantam e emudecem. Em um de seus contos, relata a história de uma civilização do futuro que havia criado uma máquina capaz de retornar ao mais remoto passado, promovendo viagens turísticas a tempos esquecidos pelo próprio.

Nessas viagens pelo Jurássico, ou outros períodos distantes, os passageiros eram seriamente advertidos de que somente poderiam apreciar, olhar com curiosidade as minúcias do drama da vida, mas estavam proibidos de tocar, matar animal ou planta, mesmo que um minúsculo inseto. Mas, em uma das viagens, um passageiro afoito desrespeitou as regras e, inadvertidamente, esmagou com o pé uma borboleta, causando desespero no comandante. Tamanho desespero se justificava; ao chegarem a seu tempo, descobriram atônitos que o país de onde tinham partido mudara tanto que mais parecia outra civilização. Não mais encontraram, ao voltar, a língua e os costumes que deixaram pouco antes de partir.

O que o conto de Bradbury nos faz sonhar é imenso.

Destaca que a cadeia da vida se altera brutalmente quando desprezamos um ser, mesmo o menor deles. Se matarmos um rato, significa que todas as famílias futuras desse rato não nascerão e que também não poderão nascer as famílias que surgiriam dessas famílias. Um rato morto representa, em algum tempo futuro, a morte de centenas, milhares e, depois, milhões de ratos. As raposas que precisam de ratos para sobreviver não terão alimento e, para cada dez raposas a menos, bilhões de seres

maiores, tempos depois, não poderão viver. Milhões de anos após, por exemplo, um troglodita não acha caça alguma e morre faminto. A morte deste homem primitivo põe fim aos filhos que teria e às múltiplas famílias que dele surgiriam. Por esse

único homem, responsável por milhares de outros que nos milênios seguintes dele nasceriam, pode ser que muito tempo depois Roma não se erga sobre suas colinas e, quem sabe, a Europa fique uma floresta para sempre.

Ao matar um rato talvez tenha se esmagado o Capitólio ou o Coliseu.

Será que em todas as nossas escolas existe a reflexão sobre essa delicada teia da vida?

Será que cada professor, pequenino em sua luta diária, ou cada aluno, anônimo nas lições de cada dia, são percebidos como elos que, desrespeitados, representam desrespeitos brutais às pirâmides do futuro?

Bradbury nos ensina que descuidar de uma única pessoa, esquecer seu diário direito à alegria e ao reconhecimento representará, quem sabe, a criação de vazios insondáveis nos mapas geográficos do futuro...

O mercado dos sonhos

Foi um verdadeiro drama para a família de Cristiana. O pai, promovido em poderosa transnacional onde era executivo de destaque, teve que mudar da pequena cidade interiorana para a maior megalópole da América do Sul. Recompondo sua vida às pressas, ainda teve tempo de procurar uma escola para sua única filha. Com o novo salário que receberia e com a importância do cargo assumido, tratou logo de buscar a melhor escola, poderosamente encravada no bairro de caros apartamentos e mansões de sonhos. Ouviu lindos discursos pedagógicos e a funcionária responsável pelas Relações Institucionais tratou de mostrar as salas limpíssimas, os laboratórios modernos e o material pedagógico escrito sob a mais rigorosa supervisão de Vigotsky Piaget e muitos mais. Não teve dúvidas, matriculou Cristiana na hora, lamentando o tempo perdido na modesta escolinha do interior.

Mas, Cristiana teve sérias dificuldades de adaptação. Não teve problemas de aprendizagem e, com surpreendente facilidade, rapidamente destacou-se como uma das melhores alunas de sua classe. Os resultados eram excelentes e os elogios imensos, mas ainda assim Cristiana transformou-se em uma criança infeliz. Sentia saudade.

Saudade da escolinha onde, ao lado das Ciências, aprendeu a cozinhar, consertar eletrodomésticos e olhar, pela primeira vez, um motor de automóvel. Saudade da Júlia, que, ensinando Artes, estimulava esculturas com o barro do riacho, cobria as paredes de pinturas feitas por alunos e os fazia compositores de músicas que já não mais ouvia na linda escola de agora. Cristiana, ao lado de profissionais anódinos que transitavam por sérios problemas epistemológicos, não podia esquecer o dia em que sua classe

incorporou-se ao trabalho dos lixeiros e saiu pela cidade em uma campanha pela vida e nem mesmo suas visitas a feirantes, policiais, mecânicos e enfermeiros.

Cristiana não podia deixar de lembrar o jeitão simples do Tônico, professor de Geografia, que fazia excursões de bicicleta para ensinar relevo e os obrigava a assistir o jornal Nacional para aprender agitos internacionais. -Meu Deus, onde ficara aquela História dos conflitos de todo dia, a Química nos cosméticos e nos perfumes levados de casa e a Física dos arremessos de vôlei ou corridas de Fórmula I?

Foi impossível para Cristiana sepultar em sua lembrança os dias de sol de uma escolinha onde o que de mais importante se aprendia, era o aprender a aprender. Onde decifrou o que era uma pesquisa, diferenciou análise de síntese e soube aplicar, em problemas novos, soluções conquistadas. Onde, pacientemente, construiu inevitáveis conexões entre a vida e as disciplinas escolares.

Na escola de sua saudade ficaram guardados para sempre os toscos caipiras que a ensinaram a descobrir e que a estimularam a comparar, deduzir, classificar, construir.

Nunca mais foi possível em sua nova escola brincar de aprender. Aprender a brincar.

A invenção definitiva

Castilho era um professor diferente. Ministrando aulas de Ciências no Colégio Estadual, jamais aceitara trocá-las, ainda que parcialmente, por um ou outro convite de escolas particulares. Vestindo invariavelmente seu mesmo casaco marrom, fosse qual fosse a temperatura, com a impressão de uma barba sempre a fazer, independente da época do ano, vivia seu pequeno mundo, dentro desse imenso mundo que é o ensino. Poucos sabiam a seu respeito e, principalmente as alunas da sétima série, cogitavam se seria casado ou solteiro, que fatos o faziam vibrar e se tinha ou não um time de futebol querido.

O que ninguém sabia, até mesmo porque o próprio Castilho disso fazia tumular segredo, é que o mestre era um inventor e que a quase totalidade de seus parcos salários iam para a aquisição de produtos essenciais para seu último e definitivo projeto. Castilho estava às margens de uma descoberta sensacional. Um pouco mais de estudos e experiências e estaria inventando um aparelho mais útil que a geladeira, mais revolucionário que o microondas ou, quem sabe, até mais avançado que o computador ou o celular.

Não o movia a perspectiva financeira de seus resultados. Não pretendia ficar rico e nem ser reconhecido. Aceitava, com a digna humildade de todo professor, o seu grande papel, seu emprego e até mesmo as inevitáveis gozações de alguns colegas, principalmente o Zé Luiz, e de muitos alunos. O que na realidade sonhava (e como sonhava), era ser útil à humanidade e fazer de suas pesquisas um instrumento de felicidade.

A máquina absoluta, a invenção definitiva de Castilho era a máquina de desinventar. Uma máquina que podia, com um simples acionar de uma tecla, fazer desaparecer qualquer idéia ou instrumento inútil e, principalmente, as regras essenciais e o saber para construí-lo. Fl humanidade não quer mais a bomba atômica? Pronto. Bastava

escrever essa palavra no painel e o mundo passaria a existir sem essa invenção. Com sua máquina, Castilho acabaria com o nazismo, inveja, racismo e, talvez, até mesmo com cigarros, com nicotina e alcatrão.

Esta história é tão maluca que não precisa ter fim.

Não importa saber se Castilho chegou ou chegará ao seu invento. O importante é imaginar o uso dessa máquina fantástica nas nossas escolas, de qualquer grau e em qualquer lugar. Que coisas extraordinárias ela poderia desinventar?

Com essa máquina desapareceria o ensino robotizado, as decorebas inúteis, a vaidade perversa, o capital manipulador. Desapareceria a escola triste, a aula opressiva, o aluno malcriado, o professor mal-humorado, o diretor prepotente.

Este sonho é mesmo tão maluco que não precisa ter fim...

É culpa do paciente. É claro

- Você sabe, Maria, eu estou desolada. Adoro o Rafael, descobri que ele é o homem da minha vida, e agora o mundo desaba sobre nossa cabeça com esse maldito processo. Estou arrasada e com muito medo de que o meu Rafa vá para a cadeia...

- Espera aí. Eu estou fora do assunto. Por que estão processando o Rafael? O que houve com seu trabalho na farmácia?

- Ah, Maria. Uma loucura causada por pessoas ignorantes. O Rafael, como você sabe, adora fazer experiências com remédios. E não é que, há mais ou menos um mês, misturando certos sais com um xarope, ele acabou inventando um sensacional remédio para provocar rápido emagrecimento. A descoberta é extraordinária e, ainda há poucos dias, fomos comemorar essa invenção que vai levar o Rafa para as primeiras páginas dos jornais do mundo e, certamente, garantir-lhe um prêmio Nobel. E agora, com esses malditos a processarem-no, tudo pode desabar... Estou inconsolada.

- Mas, calma. A verdade sempre vence. Explique-me, por que o processo? Os pacientes não emagreceram com o remédio?

- Ah, isso é impossível saber. Todos os pacientes, logo após as primeiras colheradas do remédio, morreram e agora seus familiares querem processar o Rafael. É um absurdo, pois se morreram, como podem saber se o remédio fazia efeito ou não?

- Deus meu! Quantos pacientes usaram o remédio do Rafael?

- Nove, ao todo. Um, ainda ontem, estava em coma. Hoje já deve, como os outros, ter morrido. E não é que seus parentes, estúpidos, querem pôr a culpa no remédio? O Rafa é ótimo, o remédio excelente, os pacientes morreram apenas porque são maus pacientes. Culpa deles, é claro.

Isso também acontece com alguns professores.

Existem os que acreditam que suas aulas são maravilhosas e que somente os “maus” alunos não as aproveitam. Se ficam reprovados, estão certos que tal acontece porque assim o querem ou porque não merecem a aprovação. Esquecem que a aprendizagem é uma conquista pessoal, e, o que é fácil para alguns, nem sempre o é para todos. Acham que seus métodos são perfeitos, os alunos são reprovados porque são maus alunos. Também, culpa deles, é claro.

Dona Geralda

Dona Geralda chegou radiante à favela onde morava... Não via a hora de encontrar as filhas, a vizinha ou, quem sabe, até mesmo o marido, para contar a grande novidade. Finalmente, avistou a Romilda:

- Milda, você não sabe onde arrumei emprego como diarista? Eu consegui trabalho na casa de uma pessoa muito importante. Você nem pode imaginar quem é. É mesmo uma pessoa muito importante...

Não. Romilda não imaginava. Até que fez algumas tentativas lembrando artistas da televisão, cantores de rádio ou políticos cujos nomes freqüentavam o jornal.

Após algumas tentativas, desapontou-se, quando Dona Geralda anunciou a novidade que tanto a eletrizara:

- Não, Milda. A pessoa não é importante porque aparece na televisão. Para dizer a verdade, ele é importante pela profissão que tem. Imagine, Milda, que eu agora trabalho na casa de um professor... uma pessoa que ensina as outras pessoas e que, é lógico, deve saber muita coisa. Você nem imagina a quantidade de livros que tem na casa dele! Se ele leu a metade daquilo tudo, acho que sabe até mais que o Presidente da República. Eu até acho que fiquei mais importante porque estou trabalhando na casa de uma pessoa assim, tão importante...

Romilda não quis desapontar Dona Geralda. Não quis dizer que já há muito passara o tempo em que os professores eram reconhecidos pela sociedade e respeitados pelos alunos. Não quis dizer o que sabia por experiência familiar, pois sua sobrinha estava também lecionando, sobre o salário, as dificuldades, o desrespeito que a maior parte dos professores tinham que engolir. Tão poucas coisas faziam a boa Geralda vibrar, que não seria ela a desmancha-prazeres de convencê-la que nada de

importante havia em se trabalhar na casa de um professor. Ainda se fosse um artista de circo ou pai-de-santo reconhecido...

Talvez as outras pessoas a quem Dona Geralda tivesse contado a alegria de seu “segredo” pensassem como Romilda ou talvez não dessem qualquer importância às ilusões da velha. A verdade é que ninguém procurou desapontá-la e deixaram Dona Geralda carregar, de lá para cá, a ilusão de sua inefável importância. Nem mesmo tratou de desiludi-la a esposa do professor, melhor que muitos, conhecedora das árduas lutas e das imensas limitações do cargo de seu marido. Em verdade, até sentiu uma mistura de pena e vaidade com a ilusão da nova empregada. O professor, por sua vez, jamais imaginou o encantamento de sua profissão para tão prosaica servidora. Caso soubesse, seria o único a corrigir, com humildade e brandura, as ilusões de Dona Geralda. Sabia-se professor, orgulhava-se de seus estudos e da obsessão com que cada dia estudava ainda mais. Sabia o quanto sabia.

Sabia, sobretudo, o quanto o saber fragiliza.

A família pobre de Carolina

Carolina ainda não completara o ensino fundamental.

Estudava em uma escola particular, caríssima, no bairro de metro quadrado mais caro, da mais cara cidade da América do Sul. O preço da escola não importava para Carolina que, em verdade, não sabia o quanto era rica e importava menos ainda para seu pai, empresário riquíssimo, famoso pelo luxo que ostentava e pelas tenebrosas transações em que se envolvia.

O que em verdade importava muito para o pai de Carolina, era a segurança própria e, depois dele, a segurança da família. Vivia apavorado com a idéia de seqüestro e sentia nessa ameaça o risco de perder, em minutos, fabulosa importância ganha em algumas semanas. Por esse motivo, sua bela casa era verdadeira fortaleza e bem armados e nutridos guarda-costas protegiam e levavam, todas as manhãs, Carolina para a escola. Acordo mantido com a Direção, o veículo blindado de Carolina podia adentrar os jardins do estabelecimento e, somente lá, saía das mãos dos protetores para a proteção de seus professores. O retorno não mostrava aparato diferente da chegada.

Desnecessário dizer que a formação de Carolina a privava de qualquer contato com a realidade desagradável. A única realidade permitida era a beleza da arte, a estética da ciência e a ética dos comportamentos. Fãs aulas que assistia com outras crianças, não muito diferentes dela, eram cuidadosamente preparadas de acordo com o código da beleza e da censura imposta pela influência do pai, que a dona da escola tão bem comungava e compreendia.

Mas, um dia, uma clara manhã de segunda-feira, aconteceu um lapso, um pequeno “escorregão” na criteriosa análise dos conteúdos solicitados àquela classe e Roberta, nova professora de Redação, ingenuamente, pediu aos alunos uma dissertação sobre “Uma família pobre”.

Carolina não esboçou qualquer dificuldade para desenvolver o tema solicitado. Mesmo assistida com exagerada atenção por Roberta, dispensou qualquer ajuda, segurou com firmeza sua caneta e, sem hesitar, cumpriu sua tarefa:

“Era uma vez uma família pobre. Pobre, tão pobre que todos os mordomos eram pobres, as cozinheiras eram pobres e também eram pobres, muito pobres, todos os seus jardineiros”. E adiante prosseguiu...

A redação de Carolina causou risos na sala dos professores. Ninguém na escola, entretanto, pensou que a finalidade última do ensino é a libertação das amarras, ainda que doloridas. Não se cogitou de que maneira abrir seus olhos e mostrar-lhe, com ou sem a aprovação paterna, a incrível e contrastante dimensão das pessoas na individualidade de um espaço real.

Faltou uma doce mão de uma professora confiável sobre a cabecinha de Carolina, colorida por quimeras.

A Rainha

A professora Margareth já recebera todos os prêmios que a bajulação poderia ensinar. Proprietária de uma das mais caras escolas da cidade, abrigava apenas alunos milionários, ainda que muitos merecessem mais estar em um estabelecimento penal e não escolar. De qualquer forma, era bom que ali estivessem. Nessa escola, tinham liberdades absolutas e seus professores eram, algumas vezes, servos de suas vontades, as mais vândalas e ensandecidas. Na escola, nada os ameaçava e os Conselhos de Classe conduzidos pela “tia” Margareth reuniam argumentos que os professores, seus empregados, jamais ousavam contestar.

Mas, Margareth não se orgulhava de seus prêmios. Sua sala de Diretora, verdadeiro templo de troféus, apenas simbolizava o prosaico detalhe de seu prazer maior, esse sim incomensurável, que era o de cortar cabeças. Certa ocasião, chegaram a compará-la a Rainha, inesquecível personagem de Lewis Carrol, criador de “Alice”, que circulava sua majestosidade pelo País das Maravilhas, decapitando servidores. Margareth fingiu-se amuada, sentida com a comparação. Exigiria a cabeça de quem a fez, se soubesse. Mas, no fundo, sentiu incomensurável vaidade em saber-se temida e em, a cada final de ano, renovar quase toda sua equipe docente. O poder de mandar professores e servidores para a rua simbolizava o orgulho que sentia de perceber-se imensamente poderosa, ilimitadamente temida.

À boca pequena, escondida de seus informantes mais fiéis, dizia-se que as únicas que estavam a salvo da decapitação eram as professoras Lúcia e Nelminha, empregadas de Margareth desde a fundação da escola. Comiam o pão que o diabo amassava, é certo, mas sentiam-se garantidas em sua fidelidade. Não concordavam com as demissões freqüentes e, quando podiam, até que colocavam algodão entre os cristais das cabeças mais ousadas. Acalentavam a tênue esperança de que, quem sabe um dia, Margareth pudesse mudar um pouco, confiar nas pessoas e consolidar uma equipe de trabalho... e, no acalanto dessas esperanças, iam entregando suas

vidas à escola. Perante os pais eram as duas que tinham que assumir as doidas decisões da dona e, não poucas vezes, sentirem seus ombros acumularem culpas de males que jamais imaginaram promover. Era assim, por exemplo, quando Margareth aumentava as mensalidades além dos limites legais e, imediatamente, viajava para os Estados Unidos, deixando Lúcia e Nelminha com a responsabilidade da justificativa.

Um dia, entretanto, Margareth soube que seus professores consideravam Lúcia e Nelminha pessoas de cabeça a salvo. Sentiu fragilizar sua onda de poder e amargou-se com o desafio de mostrar-se impassível. Não teve dúvidas; reuniu os empregados, criou uma “justa causa” e, zás, cortou, de um só golpe, as cabeças das velhas companheiras. Sentiu-se enobrecida por suas lágrimas e, por alguns dias, viveu o orgasmo ilimitado do imenso prazer dos poderosos.

Mas, dias depois, arrependeu-se do gesto. Não pela escola e pela perda inestimável de pilares que por tantos anos a seguraram, mas pela ausência definitiva de pessoas que poderiam estimular o ego infinito de seus desafios. Na escola restavam apenas “capachos”. Cabeças frágeis, bajuladoras, descartáveis, transitórias. Sem dispor de uma única pessoa sobre quem pudesse exercer o poderio resolutivo de seu mando, fechou-se em sua sala de troféus e, pela primeira vez na vida, sinceramente, chorou.

A fábula da professora e as uvas

Durante sua vida universitária curtiu adoidadamente as rodadas de chope, as aulas cabuladas para passeios noturnos, ou os adoráveis bate-papos e paqueras próximas à cantina. Vez por outra, assistiu aulas. Menos pelo interesse em aprender e muito mais para escapar do regime de faltas e para ver se, com prudência e malícia, podia colar esta ou aquela resposta de um colega mais distraído. Concluiu seu curso como muitos concluem, valorizando apenas o valor profissional do Certificado.

Atirada ao mercado de trabalho, tratou de procurar aulas. Seu primeiro anseio foi a escola particular do bairro de classe alta, ajardinada pelas mensalidades salgadas onde, segundo diziam, pagava-se mal os mestres mas os enchia de vaidade. Entrevistada pela Orientadora Educacional, foi rispidamente desiludida:

- Ah, minha filha. Embora estejamos precisando de professores, não é possível contratá-la. Em dez minutos de entrevista você cometeu doze erros de Português e é justamente essa disciplina que você quer ministrar. Não é possível.

Sem desanimar com esse primeiro “não”, partiu para uma segunda, depois para uma terceira, quarta e quinta escolas, chegando até às entrevistas, mas não sobrevivendo aos desafios impostos pelas mesmas. Seu desânimo maior foi atestado por um porteiro da sexta escola procurada que, ao ouvir suas lamúrias, filosofou com a sabedoria dos simples:

- Não adianta não, moça. Para que se contrate professores é necessário o conhecimento de pelo menos um pouco da disciplina, caso contrário, podem ser admitidas como inspetoras de alunos mas, como a menina pode ver, nessas funções todos os cargos já estão preenchidos.

Após outras tentativas como a de deixar o nome nas delegacias de ensino, sindicatos e colegas colocados, percebeu que o vazio de seus tempos de estudante se refletia na

agonia do desemprego. Retirando-se para a casa dos pais, passou a investir em um casamento que não a estimulava mas rendia saldos. E ponderou:

-Graças a Deus. Até que sou uma pessoa de sorte. Imagine, eu tendo que suportar o sacrifício de dar aula para alunos ricos ou, pior ainda, para os da escola pública! já pensou na chatice de agüentar crianças e adolescentes? já imaginou a necessidade de se atualizar sempre e ter que ler jornais pelo menos uma vez por semana? Nada como ficar desempregada e pensarem fundamentos epistemológicos aqui em casa, onde meu analfabetismo jamais será descoberto.

Moral: Falsos mestres, ao invés do desafio da aula, preferem demagogicamente filosofar...

“Seu” Januário

Ansioso como nenhum outro, Lúcio, ao saber da necessidade de sua transferência para aquela cidade do interior, tratou de procurar uma escola para Ricardo. Ouvindo opiniões aqui, sugestões ali, não foi difícil concluir que a mais indicada era a escola que ficava no alto da colina, solidamente escorada em seus cinquenta anos de tradição. Tratou de fazer uma visita, mas, desavisado do calendário escolar, chegou até a escola em pleno mês de férias. Não encontrou o diretor, nem mesmo algum professor atrasado em suas notas ou qualquer outro funcionário capaz de informar-lhe sobre os procedimentos burocráticos para a transferência e os fundamentos do planejamento pedagógico pretendido.

Já ia saindo, quando percebeu a presença de um servidor varrendo o bosque. Sabia ser de nenhuma valia a fonte, mas, para que a viagem não fosse inteiramente inútil, tratou de bater breve papo. Soube que o velho jardineiro chamava-se Januário e prestava serviço à escola desde sua fundação. Sem colocar qualquer esperança na resposta, indagou:

- Mas, o que é ensinado nesta escola?

Sem pressa, olhando em volta antes de responder, mas dignificado com a nobreza de ser indagado, Seu Januário comentou:

-Olha, moço. O que é ensinado eu não sei. Sei que deveriam ensinar as crianças a aprender a aprender. Quem aprende a aprender descobre sempre o lado mais gostoso da vida. Quem aprende a aprender aprende a bondade e o amor, porque bondade e amor são coisas que se aprende, como também se aprende a “reiva”, a preocupação e os preconceitos. As pessoas não nascem boas ou ruins, educadas ou malcriadas. As pessoas são sempre aquilo que aprendem e qualquer um pode aprender. Mas, do

mesmo jeito que todos podemos aprender, podemos também desaprender. Desaprender as preocupações, o ódio, a vingança e até o desespero.

Como não foi interrompido, Januário continuou:

-Aprender a aprender, moço, é uma das mais gostosas coisas da vida e cada vez que a gente aprende alguma coisa, fica sendo maior do que já é. Quem aprende a aprender pode um dia ficar uma pessoa enorme. Enorme em conhecimento e, por isso, cheia de amor, de experiência, de bondade e de tudo quanto é útil.

Como nada mais foi perguntado, Januário aquietou-se.

A história não registra se Lúcio matriculou nessa ou em outra escola seu filho Ricardo.

Entre o amor e a hipocrisia

Nadir era o modelo da professora “certinha”.

Certinha, é claro, não no conceito inesquecível de Stanislaw Ponte Preta, mas no atual. Aquele que afirma que os “bons professores” precisam entregar suas notas em dias certos, em diários bonitinhos e em posturas politicamente corretas. Ministrava suas aulas com precisão, com discursos moralistas e sem brilho, e levava sua vida com a medíocre seriedade das pessoas que não consomem um grama a mais, não tomam um drinque além da conta e não admitem gestos ou palavras fora de lugar. Seu marido, Almeidinha, bem que sonhava com a doce irresponsabilidade do prazer e com a romântica aventura do improvável. Mas em sua casa, com Nadir, nem pensar...

Mas a professora Nadir tinha, para o modelo que fazia de si mesma, um defeito e se odiava pela incapacidade em abandoná-lo. Fumava seus inocentes cigarrinhos e o alcatrão, que diariamente engolia, era quase nada diante da tortura e do suplício mental que se impunha por não ser perfeita. Tentara de tudo para largar “esse vício maldito”. Reza braba de pai-de-santo, consulta com monge careca, comprimidos vendidos pelo um nove meia, esparadrapo de nicotina, picada na orelha feita por acupunturista chinês e outras tantas bobagens que, ouvindo ali e aqui, seguia com sofreguidão. Nem mesmo as críticas freqüentes de seu único filho, antitabagista por opção, ou a solidariedade de seu marido, fumante por convicção, puderam atenuar seu incomensurável apego ao rolinho de papel que tinha uma brasa em uma ponta e uma imbecil, a própria como acreditava, na outra.

Um dia, na escola, ouviu um comentário feito pela filha da dona e dona também por hereditariedade:

- Cigarro? Esse vício asqueroso é invencível... Nada existe para eliminá-lo a não ser um infarto ou outro susto para valer... Se eu conhecesse alguém que, de uma hora

para outra, garantisse não mais fumar, pagava até quinhentos reais após um ano. Não porque sua saúde me interessa, mas por ter certeza de que dinheiro algum vence essa dependência...

Nadir empolgou-se. Ouviu a palavra mágica pela qual entregara toda sua vida e manipulava todos seus instintos. A palavra que simbolizava toda gigantesca inveja sentida dos que o possuíam. Dinheiro. Na mesma hora, tocada fundo no argumento central de seus parcos neurônios, fechou a aposta. Pela saúde, pela higiene, pelo filho, pela casa e pela escola, pelos alunos e pela educação, por si mesma, é claro, nada faria contra o cigarro. Mas o que não faria pelo dinheiro... Nunca mais colocou um cigarro em seus lábios.

Infelizmente existem outros professores como Nadir. Viram as costas à magia do ensino, à propriedade de transformar pessoas, à construção serena de pessoas para um mundo melhor e se entregam ao discurso estóico, à ação medíocre, ao conselho vazio que fazem valer para todos, jamais para si mesmo.

Vivem do amor, não para o amor.

Antes que o absurdo vire rotina... (1)

Pois não é que um dia, quando o aluninho dormitava em aula, enquanto seus colegas realmente dormiam, viu surgir em sua aparvalhada mente um demônio tenebroso e esfumaçado que, cavernosamente, sussurrou-lhe:

- Aluno... você vai morrer... é chegada sua hora e aqui estou para buscá-lo, atendendo às fantasias sinistras de Soninha, sua professora de Matemática... mas, antes de matá-lo, vou ainda lhe dar uma oportunidade para se livrar. Basta escolher uma das três propostas: Levante de sua carteira e aplique tremenda surra no professor de Biologia que está à sua frente, ridicularize publicamente sua mãe ou, ao sair daqui, vá à padaria e tome meia garrafa de vodka.

O aluno, aterrorizado com essa visão, mal teve tempo para pensar, mas sua formação aloprada, em conflito com a educação modernosa, fez com que argumentasse:

- Baterem meu mestre, jamais. Em primeiro lugar, porque é aventura rotineira e, além disso, pode me colocar em recuperação. Ridicularizar minha mãe em público não o faria; primeiro, porque já a julgo ridícula por pensar que aprendo nesta escola e, em segundo lugar, porque raramente posso vê-la no pôquer ou, principalmente, no lugar a que chama de casa. Deixe que eu encho a cara de vodka.

O demônio deu uma gargalhada e desapareceu. O aluno, sem pedir licença ao professor - até mesmo porque na escola nenhum aluno o fazia para nada - levantou-se, foi à padaria e tomou uma garrafa inteirinha de vodka, meia pelo diabo e meia por ele mesmo. Embriagado, voltou à escola e deu uma tremenda surra no seu professor, publicou anúncio no *Estadão* ridicularizando sua mãe e, desde então, vive pelas boates da cidade, conhecido como um dos mais poderosos “donos da noite...”.

Essa anedota foi escrita, inspirada em uma fábula de Millôr Fernandes, há vinte anos atrás. Pretendia mostrar uma grosseira caricatura da escola e da disciplina do aluno em sala de aula. Como toda caricatura, valia pelo exagero e destacava-se pelo ridículo.

Nesses vinte anos houve sensível mudança e, em algumas escolas, a indisciplina tornou-se uma verdadeira tragédia. Se não fizermos nada contra essa mudança, a caricatura, aos poucos, vai virando um retrato.

Antes que o absurdo vire rotina... (II)

Outra anedota com mais de vinte anos de vida. Mais uma grosseira caricatura do ensino e do trabalho do professor. Valem para esta as reflexões expostas para a crônica anterior...

Formaram-se ao mesmo tempo, na mesma Faculdade. Um era professor de Matemática, o outro de Português. Por uma dessas ironias do destino, foram juntos trabalhar na mesma escola e tinham as mesmas turmas.

O primeiro valorizava em suas aulas a forma, o segundo, o conteúdo. Para o professor de Matemática, o que valia era o aluno contente, solto e entusiasmado. Para seu colega, a alegria eufórica e imediata não tinha valor, o que importava era o ensino sério, a aprendizagem construída, as provas árduas e lições que exigiam esforço e paciência.

Assim, diferentes, caminharam a passos firmes pelo ano letivo adentro, pisando sempre, com suas diferenças, os cascalhos da educação. O professor de Matemática, amado pelos alunos, aplaudido, presenteado; seu colega, causador de fúria entre algumas mães e preocupação constante entre os alunos. Muito amigo, o professor de Matemática sempre aconselhava:

- Bobagem apertar, exigir, cobrar. Leve seu barco devagar, aprove todos, solte notas, finja que não enxerga a preguiça, faça pacto com os líderes negativos, não veja a cola correr...

Nessas horas, o professor de Português replicava:

-Você, por acaso, não conhece a fábula dos dois burros? O que carregava ouro e o que levava aveia? Pois é, um dos dois vivia se vangloriando dos aplausos até que

tiveram que atravessar um rio. Aí, meu amigo, o carregado de ouro afundou arcado pelo

peso e o de aveia, antes desprestigiado, chegou salvo ao outro lado. Não. Não e não... deixe que eu conserve minha luta, minha seriedade, minha crença... Um dia, alunos e pais irão reconhecer meu trabalho...

Foi só fazer esse comentário e um rio simbólico surgiu em suas vidas. A Direção da escola resolveu fazer um “Ibope” para ouvir alunos e pais sobre a conduta dos professores. Deveriam indicar os “grandes” e os professores que não correspondiam às expectativas daquela escola.

No dia seguinte à apuração, a página de classificados de um prestigiado jornal trazia anúncio alertando que glamurosa e avançada escola procurava, urgente, um professor de Português.

Moral da anedota/fábula: Antes de receber a carga sobre as costas, observe o tipo de água, ou de escola, que deverá atravessar.. Existem algumas escolas onde ensinar não constitui um valor em si mesmo.

Uma volta ao passado

- Eu amo o passado...

Vibro até minhas entranhas por filmes medievais. Amo velhos livros embolorados e nada me encanta tanto quanto paisagens que me transportam para séculos atrás com moças de espartilho e elegantes cavaleiros, de fraque e cartola, atirando seu sobretudo sobre a lama para que as garotas não sujassem os pés ao atravessar ruas enlameadas.

- Eu odeio o presente...

Como não sei cozinhar, é claro que prefiro o fogão de lenha ao forno de microondas, a velha vitrola movida com corda ao moderno e barulhento aparelho de som. Detesto a televisão, tenho raiva da cirurgia a laser, não acredito em viagens espaciais, acho computador uma frescura, roupas de nylon, uma besteira e, se viajasse, preferiria o prosaico conforto de um carro de boi à gélida rapidez de aviões a jato.

Opiniões não se discutem e quem ama o passado tem pleno direito de viver toda sua intensidade e curtir detalhes que nos retornam a falta de higiene da Idade Média ou as pestes que mataram multidões. Preferir exorcismo a antibióticos é uma questão de opinião, embora não seja uma opinião, e, sim, uma agressão impor aos que respeitam a modernidade as torturas do passado.

Ainda existem alguns professores, principalmente na Educação Superior, que não pensam assim...

Esquecem que aulas inteiramente ditadas, sem direito a reflexões e opiniões, são resquícios da Idade Média, quando

existiam pouquíssimos exemplares de livros e, nas universidades, o trabalho dos professores era o de apresentar suas leituras aos alunos. Por isso e pela necessidade de uma lupa para tão maçante tarefa é que eram chamados de “Lentes”. Hoje, os tempos são outros. Estudos de Piaget, discursos de Paulo Freire e teorias de Gardner, entre outros, mostram que a verdadeira aprendizagem somente se constrói quando existe interação plena entre professor e aluno, entre o tema e as experiências pessoais do educando, entre o sujeito e objeto de ensino.

Ensinar transformou-se em atividade mágica que nivela verdadeiros mestres a artífices de novos tempos. Construir pessoas é até mais importante que fazê-las. Passar uma aula ditando tem validade apenas quando o estático receptor é tão inimigo dos novos tempos quanto seu superado transmissor.

É bobagem deixar para amanhã...

Cara inchada, com olhos vidrados pela noite de lamúrias não dormida, e uma dor de dente terrível... mal o consultório abriu, foi pedindo passagem e solicitando urgente atendimento. Não agüentava mais. Não houve qualquer tipo de problema. O consultório periférico vivia às moscas e ainda mais àquela hora da manhã. Em poucos minutos preencheu a ficha, garantiu poder de pagamento, e foi atendido.

O dentista, ainda jovem, com seu imaculado avental fez um óbvio questionário, preencheu mais uma ficha e, finalmente, convidou o desesperado paciente a sentar-se na cadeira. Cadeira de tortura para alguns, mas bálsamo maravilhoso para o infeliz paciente que gemera a noite inteira e tentara todas as simpatias e remédios para aquele pedaço inútil de dente que voltava sempre a incomodar.

O diagnóstico não surpreendeu o paciente:

- É preciso extrair. Vou aplicar uma anestesia. Sugiro que o senhor feche os olhos e aguarde que, em poucos minutos, estará livre dessa dor infame.

Não havia como não concordar. Pacientemente (e, por isso, é chamado de paciente), agüentou a anestesia, esperou pelo seu efeito e, boca aberta, deixou o profissional em seu trabalho. A dor amortecida, somada ao sono da noite não dormida, foi o bastante e, serenamente, dormiu. Foi acordado cerca de uma hora depois. Sorridente, o dentista exibia-lhe uma bandeja com cinco dentes. Alguns, por sinal, aparentando ótimo estado.

- Prontinho. já arranquei o pedaço de dente inflamado e, aproveitando a oportunidade, arranquei também outros quatro...

- O senhor ficou maluco, doutor? Protestou o paciente que mal conseguia falar. Se apenas um dente estava em mau estado, por que a paranóia de arrancar tantos outros e condenar-me a essa condição eterna de banguela?

- Ora, caro amigo. Mais cedo ou mais tarde você iria perder mesmo esses dentes e, estando aqui, por que não extraí-los agora? Fique calmo, foram apenas cinco porque sua conta bancária poderia estranhar. Da outra vez, arranco os demais...

Isso também acontece com certos professores.

Descuidados do universo vocabular específico da faixa etária, do nível de suas “janelas de aprendizagem” já abertas, aproveitam para falar de tudo que o tema abriga, divagando por níveis que a maturidade de seus alunos não pode ainda compreender.

- Afinal, mais cedo ou mais tarde, vão ter que aprender mesmo...

O Luizinho da segunda fila

Marcelo é um excelente professor de Geografia.

Na aula sobre o Pantanal até excedeu-se. Falou com entusiasmo, relatou com detalhes, descreveu com precisão. Preencheu a lousa com critério, soube fazer com que os alunos descobrissem na interpretação do texto do livro a magia dessa região quase selvagem. Exibiu um vídeo, congelou cenas e enriqueceu-as com detalhes, com fatos experimentados, acontecimentos do dia-a-dia de cada um.

Em sua prova, é evidente, não deu outra: uma redação sobre o tema e questões operatórias que envolviam o Pantanal. Seus rios, suas aves, sua vegetação... a planície imensa. Os alunos acharam fácil. Apanharam suas folhas e começaram a trazer, palavra por palavra, suas imagens para o papel. As canetas corriam soltas e as linhas transformavam-se em parágrafos. Marcelo sabia o quanto teria que corrigir, mas vibrava... Sentia que os alunos aprendiam. Descobria o interesse que sua ciência despertava. Não pôde conter uma emoção diferente quando Heleninha, sua aluna predileta, foi até sua mesa e arfante solicitou:

- Posso pegar mais uma folha em branco?

O único ponto de discórdia, o único sentimento opaco que aborrecia Marcelo, era o Luizinho, aquele da segunda fila. - Puxa vida! - pensava - Luizinho assistira todas as suas aulas, arregalara os olhos com as explicações e agora, na prova, silêncio absoluto, imobilidade total... nem sequer uma linha. Sentiu ímpetos de esganar Luizinho. Mas, tudo bem, não queria se irritar. Luizinho pagaria seu preço, iria certamente para a recuperação. Se duvidassem poderia, até mesmo, levá-lo à retenção. Seria até possível arrancar um ano inteirinho de sua vida...

Minutos depois, avisou que o tempo estava terminando. Que entregassem sua folha. Viu então que, rapidamente, Luizinho desenhava, na primeira página das folhas de

prova, o Pantanal. Rico, minucioso, preciso. Marcelo emocionou-se, ao ver aquele quadro, de irretocável perfeição, nas mãos de Luizinho que coloria as últimas sobras. Entusiasmado indagou:

- E aí, Luís? Você já esteve no Pantanal?

Não. Luizinho jamais saía de sua cidade. Construiu sua imagem a partir das aulas ouvidas. Marcelo sentiu-se um gigante e, de repente, descobriu-se o próprio Piaget. Havia com suas palavras construído uma imagem completa, correta e absoluta na mente de seu aluno.

Mas, deu zero pela redação. É claro. Naquela escola não era permitido que se rabiscassem as folhas de prova. A história de Luizinho repete-se em muitas escolas. Sua inteligência pictórica é imensa, colossal, lúcida, clara e contrasta visivelmente com as limitações de sua competência verbal. Expressou o que sabia, da maneira como conseguia.

Mas, não são todos os professores que se encontram treinados para ouvir linguagens diferentes das que a escola instituiu como única e universal.

Faz tua lição, Paulinho

Paulinho se apaixona por qualquer coisa...

Ainda outro dia ficou apaixonado por uma informação. Leu em um livro de Biologia que em uma única gota de sangue existe algo como cinco milhões de células. Empolgado com a afirmação, foi atrás de uma outra e soube que o corpo humano de uma pessoa de setenta quilos, como seu pai, abriga cerca de cinco litros de sangue.

Fez e refez as contas custando a acreditar nos resultados informados pela calculadora:

- Putz... perto de vinte e cinco trilhões de células sangüíneas.

São tantas que, se desse uma simples agulhada em seu dedo e se do mesmo se desprendesse uma célula por segundo, gastaria cerca de oitocentos mil anos para esvaziar seu corpo inteirinho.

Oitocentos mil anos é tempo que não acaba mais. É tão difícil perceber quanto vale vinte e cinco trilhões, como o quanto representa oitocentos mil anos. Pensou, calculou e concluiu:

- Se Cristo, em sua cruz, perdesse uma célula por segundo, dia e noite, ininterruptamente, hoje não teria perdido mais do que o que cede a um banco de sangue um doador comum. Essa imagem formou-se em sua mente e, através dela, fez passar toda a frisa do tempo que a Dona Vanessa, professora de História, mostrara, desde quando Cristo fora morto até seus dias. A história do Brasil ocuparia um pedaço restrito dessa frisa... Todo tempo, desde Cabral, valeria menos que o tempo de um punhado de células perdidas se uma delas se perdesse por segundo. Da Biologia pulou para a História, desta navegou pelo transatlântico da Geografia. Em suas pesquisas e seus pensamentos, estimulou

suas contas e ativou sua inteligência lógico-matemática. Esta conectou-se à naturalista em sua descoberta biológica e, logo depois, surgia toda majestade de seus sonhos espaciais. Com aqueles livros abertos construía seus conhecimentos, divagava pelo saber... Brincando, explorava; explorando, aprendia; aprendendo, sintetizava, organizava, julgava, compreendia...

Descobriu que grande não era apenas o número que manipulava, grande mesmo era a ciência que pôde descrevê-lo...

Mas não pôde continuar...

Sua mãe, que o espreitava, descobriu que largara a caneta. E deu-lhe uma sonora bronca.

- Faz tua lição, Paulinho!

Renatão e Renatinho

O contraste entre as duas escolas é impressionante.

A primeira fica nos jardins, cobra quase mil reais de mensalidade, possui lindíssimas quadras, algumas das quais cobertas, uma piscina nunca usada mas muito insinuante, e todos os seus funcionários são belamente uniformizados. Imensas grades a protegem.

A segunda não fica em um jardim, mas em um parque. Num desses inúmeros bairros que possuem nomes de parques e que se esparramam pela periferia da grande cidade. Também escola particular, sabe que as mensalidades têm que ser compatíveis com o bolso da comunidade e, desta forma, cobra pouco e sua única quadra está, há algum tempo, reclamando os cuidados de nova pintura.

Mas o orgulho da escola dos jardins são suas salas de computação. A longa fila de aparelhos novíssimos se esparrama pelos múltiplos laboratórios e, a cada mês, os pais dos alunos são informados dos novos softwares adquiridos. Existem softwares para tudo: História, Ciências, Geografia, Recreação, Biologia e do que mais se queira informar. Nesses ambientes, os alunos passam horas a fio curtindo o tédio de assistir nas telas relatos de conteúdos que são repetidos em aulas.

O orgulho da escolinha do parque é também sua única sala de computação. Os aparelhos são poucos, é verdade, já bastante antiquados, mas mantidos em ordem pelo seu cuidadoso professor. A escola quase não tem softwares, os únicos de seu arquivo foram recebidos já há algum tempo e raramente são utilizados.

Mas, a maior diferença entre as escolas não se situa nessas embalagens. Está entre o Renatão, coordenador geral de informática da escola dos jardins, e o Renatinho, professor de Informática da escolinha do parque.

Na escola do Renatão a variedade e diversidade dos softwares, sempre renovados, os faz veículos de informação. São apenas úteis na medida em que informam, controlam diferentes tarefas específicas e banalizam o papel conteudístico do professor.

Na escola de Renatinho, os computadores constituem recurso auxiliar no processo de construção do conhecimento. São máquinas que precisam ser ensinadas pelos alunos e são estes que, orientados por Renatinho, passam as informações ao computador. Não conhecem softwares de última geração e nem se deliciam com novidades de ponta, mas com seus Basic, Pascal e Logos ensinam a máquina a ensinar-lhes.

É fácil imaginar o que não seria Renatinho na escola de Renatão.

Jefferson da Silva

Talvez o homem mais curioso do mundo tenha sido Jefferson, o redator da independência dos Estados Unidos.

Possuidor de incrível curiosidade, desde a infância, aprendeu a aprender e além dos múltiplos assuntos que sabia - e bem -até a sua morte, nunca aceitou que os conhecimentos que acumulara fossem definitivos. Rodeado de livros, nunca lia um ou dois de cada vez.

Sua casa, nos Estados Unidos, era verdadeiro museu de rochas, conchas, folhas e de tudo o mais quanto pudesse colher, pesquisar, classificar.

Jefferson, em seu tempo, era o mais importante botânico do estado da Virgínia. Ninguém sabia mais filosofia em sua terra que ele e eram vastíssimos seus conhecimentos sobre a gramática grega e a língua e literatura latina.

Grande parte de seu tempo gastava estudando ou inventando. Inventou máquinas a vapor, diferentes tipos de sabão, formas de preparar e de conservar manteiga, novos modelos de ferramentas, projetos de casas e monumentos públicos. Entusiasta defensor da democracia, jamais aceitou a desigualdade e a privação da liberdade de falar, pensar e inventar.

Jefferson da Silva, negro, e pequeno para seus dezesseis anos, foi baleado na porta de seu barraco ontem à noite. Suspeita-se que desviava dinheiro do tráfico de craque para comprar comida para sua mãe e seus oito irmãos.

É possível acreditar, pelo pouco que se colheu de sua biografia, que possuía acentuadas inteligências múltiplas, possivelmente tão avançadas como seu homônimo norte-americano. Cercado de poucos livros, tudo sabia sobre o que havia lido

e, lá na favela, era um pequeno grande inventor que colecionava rochas e folhas. Como nunca foi até uma praia, nunca tinha visto uma concha.

Para a crônica que a polícia registrou em cinco linhas, a saga de Jefferson da Silva de nada importava à perspectiva construtivista da educação, configurada por uma série de princípios explicativos do desenvolvimento da aprendizagem humana e que se complementam com a valorização determinante do papel da interação das pessoas com seu meio social.

O mau colesterol

Doutor Raimundo foi absolutamente incisivo ao seu paciente Alberto.

- Não tem mesmo jeito, meu amigo. Você está com o colesterol muito alto, triglicérides beirando as nuvens, sua taxa de glicemia é a mais elevada que já vi e com esse ácido úrico nem imagino como você ainda está de pé. Vou prescrever uma lista de medicamentos e, desde agora, você fica literalmente proibido de ingerir gorduras, amido, tomar bebidas alcoólicas ou refrigerantes e deve ainda se livrar de legumes que contenham grãos, frutos do mar ou carnes de animais jovens. Para ser bem franco com você, goste ou não, até a próxima consulta somente aceito que você coma algumas frutas, poucos legumes sem sal, verduras pouco temperadas e um ou outro bifinho na chapa.

- Ah, e ainda tem mais. Não deixe de caminhar pelo menos uns cinco quilômetros por dia, perca dois quilos por semana e nem pense em parar de tomar remédio por um único minuto...

Alberto adorava comer até os limites do último furo, curtir uma “caipirosca”, amarrar-se em um chopinho e encher-se de batatinha frita, nadando em cervejoca, horas intermináveis diante da televisão. Sabia que mudar a forma de encarar a vida era difícil, mas, fazer o quê? Navegar é preciso. Cortou tudo, sofreu como uma alma penada, mas seguiu todos os itens do doutor Raimundo.

Um mês depois, três quilos e meio mais magro, voltou ao médico que o submeteu a diversos exames. O diagnóstico foi claro:

- Parabéns. Você conseguiu baixar todos os limites. Está aprovado. Como apenas continua um pouquinho alto seu mau colesterol, esqueça os remédios e abandone as gorduras. Pode voltar, com moderação, ao uisquinho e esqueça a glicemia, triglicérides e ácido úrico.

Nem todos os professores pensam sua missão assim...

O aluno fica retido porque não assimilou os fundamentos básicos da Matemática e da Língua Inglesa. Nas outras disciplinas, nenhum problema.

Isso, entretanto, pouco importa. Quem fica retido, repete tudo.

O que nem os deuses gregos garantiam, constitui rotina para certos professores e algumas escolas: arrancar um ano inteiro da vida de alguém e, desta forma, roubar o tempo da vida de alguns de seus alunos.

O segredo de Mariana

Felício era um bom professor. Estudioso, responsável, assíduo. Estava sempre atualizado sobre as novidades de sua disciplina e direitos de sua categoria profissional. Gostava de seus alunos e não era por estes odiados, preparava aulas com cuidado e, sempre que podia, acrescentava com leituras de jornal ou vídeos comerciais os segredos de seu tempo.

O grande problema de Felício, entretanto, era a disciplina. Sem jeito para assumir o estilo prepotente, não sabia ser autoritário e temia agredir a sensibilidade da classe. Em suas aulas, os alunos não tinham limites e seus apelos divagavam pela classe, sem serem ouvidos. Sentia que, individualmente, os alunos até que o respeitavam e, com sinceridade, gostavam de sua maneira carinhosa de falar, mas, quando reunidos na sala, viam-se tocados pela loucura e ensandecidos por brincadeiras jamais reprimidas. Um dia não se conteve e perguntou ao Alex, um de seus alunos mais agitados:

- Escuta aqui, Alex, em todas as aulas vocês são assim?

- Em quase todas, professor. A única aula que o pessoal não pia é a da professora Mariana.

Aquele comentário bateu-lhe na consciência. Qual o segredo de Mariana? O que poderia aquela professora, miudinha e frágil, ter de tão imenso assim que calava a turba, acalmava os endemoninhados? Não se conteve. Procurou Mariana e quis saber qual seu segredo. A colega, com paciência, explicou-lhe:

- Não, Felício, não há segredo. Como acho que administrar a disciplina de cinquenta alunos não é fácil, divido-os em oito grupos e faço com que a produção e a atitude escolar seja vista

pelo parâmetro de cada grupo. Assim, cada um deles funciona como uma célula de aprendizagem onde um responde por todos e todos respondem pelo grupo. Em verdade, em minha sala de aula não existem cinquenta alunos, existem sete ou oito grupos e, cá para nós, quem pode não achar fácil dar aulas para classes com apenas sete ou oito células?

Demorou um pouco para que Felício absorvesse a estratégia. Sentiu que os grupos precisariam ser estruturados e aprendeu técnicas para construir conhecimentos e explorar habilidades em grupo. Pouco a pouco consolidou suas células de aprendizagem e passou a elas a responsabilidade das condutas. Apaixonado por futebol, lembrava aos alunos que o pênalti cometido atinge o time inteiro, não importando qual craque tenha se descuidado.

Nunca mais teve sérios problemas disciplinares.

A estupidez e o pecado

Raymond Douville e Jacques-Donat Casanova escreveram interessantes relatos sobre a ingenuidade e a estupidez de algumas tribos indígenas do primitivo Canadá, quando houve a colonização francesa.

Segundo esses relatos e a forma como os interpretam seus autores, os índios eram realmente idiotas e alguns consideravam atitude absurda e ridícula um ser humano obedecer a outro. Não “evoluíram” para a idéia de propriedade e mostravam-se tão primitivos que não conseguiam entender o que era “inveja” por mais que os franceses os ensinassem. Seus chefes eram escolhidos entre homens comuns, que não tinham qualquer privilégio, mas eram imediatamente destituídos caso se tornassem prepotentes e autoritários.

Quando conheceram o relógio, mostrado pelos franceses, ou com estes aprenderam o passar das horas pelo deslocamento do sol, desprezaram esses conhecimentos e riam dos europeus por darem qualquer importância aos mesmos. O único relógio que admitiam conhecer era a vontade de comer. Assim, dormiam a qualquer hora, sempre que sentiam sono, comiam a qualquer instante, bastava ter fome. Achavam cômico os franceses dormirem apenas à noite e obedecerem momentos específicos para suas refeições.

Não tinham moral. A iniciativa da corte podia partir do homem ou da mulher e poderiam realizar o ato sexual a qualquer instante, desde que tivessem vontade. Admitiam o casamento, mas achavam naturalíssimo ter vários cônjuges e romper este ou aquele matrimônio, sem desfazer a amizade, a qualquer hora do

dia. Não gostavam de trabalhar, mas caçavam com paixão e pescavam com infinita paciência.

Como não conheciam o demônio da culpa, não necessitavam da pieguice do perdão.

Foram extintos pela colonização e, segundo os autores do relato, ninguém jamais lamentou o genocídio de uma comunidade primitiva que vivia do pecado e não sabia o que era escola.

Ainda bem. Ainda bem que existem escolas, que ensinamos pessoas, e construímos a moral. Ainda bem que bárbaros relatos de hediondas comunidades constituem episódios de tempos que não voltam...

Ainda bem? Será mesmo? Será que os índios canadenses eram infelizes?

Quando será que nas escolas brasileiras será permitido combater preconceitos, admitir diferentes maneiras de ver o outro e ensinar felicidade?

O avô de Camila (I)

Foi um susto imenso.

O que poderia ser uma ensolarada e gostosa manhã de sábado, quase se transforma em uma tragédia. Camila, com seis anos, seu pai Luiz Antônio, a mãe Milena e o avô Leonardo resolveram passear pelo parque, aproveitando para ouvir uma apresentação de música clássica, anunciada pela televisão.

Tudo ia muito bem quando, lá pela metade do concerto, Milena se apavora:

- Meu Deus. Onde está Camila?

A sensação de perda foi horrível. No mesmo instante, Leonardo e Luís Antônio, embevecidos pela música, deram-se conta de que não perceberam a possível saída de Camila. Olharam ao redor, nada. Levantaram-se do gramado, sob protestos de outros ouvintes, e com o pânico estampado nos olhos e as mãos frias pelo desespero começaram a procurar a menina.

- A culpa é sua, Luiz - reclamava Milena. Recomendei por mais de mil vezes para não tirar os olhos de Camila...

- Você está maluca! Como culpa minha, se era você quem segurava Camila pelas mãos?

A procura foi exaustiva, tensa, irritante... mais de meia hora de busca e nada de Camila aparecer. Até que Leonardo teve uma idéia:

- Espere aí. Ao passarmos pelas balanças, Camila ficou “vidrada”. Será que não foi até lá? Realmente. Camila, solta e tranqüila, balançava-se docemente embalada pelo vento e por suas fantasias infinitas. Ao ver a filha, Milena explodiu:

- Puxa, Camila. Ficamos loucos à sua procura. Nunca mais trarei você ao parque.

Luiz Antônio, misturando raiva com alívio, ainda completou:

- Camila, você quase me mata do coração. Veja, até agora estou sufocado. Por que você fez uma coisa dessa? Não poderia pedir para vir até aqui?

Pobre Camila. Em minutos, o devaneio da balança transformou-se na monstruosidade da culpa. Desejou morrer por propiciar tanto mal aos pais que adorava. Salvou-a do suplício a serena doçura do avô:

-Oi, Camila. Imagino como foi gostoso sentir-se solta nessa balança. É claro que você não poderia imaginar como ficaríamos preocupados, não é? Você sabia onde estávamos, nós é que não pensamos com sua cabeça. Venha para o meu colo, vamos voltar à música. Da próxima vez, você avisa onde vai, está bem?

As velhas tartarugas do Atol

Dois velhos professores, no outono de sua existência, conversavam animadamente próximos à Colônia de Férias, ao cair da tarde.

Solange, também professora e passando as férias na Colônia, percebeu-os na mesma hora. Não teve dúvidas ao descobri-los professores pois falavam alto, faziam gestos, distribuía acenos e, entre as frases pronunciadas com a imutável clareza didática, remontavam o passado, a vida entre o giz, os alunos e suas aulas.

Observando-os a alguma distância, Solange lembrou-se de um documentário sobre os resultados de uma experiência atômica em um dos milhares de atóis do Pacífico.

Após a imensa explosão, as tartarugas que sobreviveram, aparentando nada sofrer, continuaram a ser guiadas por seu instinto. Na época da desova, saíam do mar e iniciavam a rota para depositar seus ovos na areia, distante das ondas bravias. Porém, biologicamente alteradas pela radioatividade, não mais sabiam retornar ao oceano, caminhando até o interior da ilha, em direção ao deserto ampliado pela explosão.

Lá, punham-se a bater suas nadadeiras, julgando, talvez, estarem em águas novamente.

Dessa forma, deixavam-se morrer.

Não houve como não associar as tartarugas aos velhos mestres à sua frente. Mergulhados em seus oceanos imaginários, prosseguiram com ardor e ternura na recordação das aulas que sempre deram a alunos invisíveis, ávidos por suas lições.

Afastou-se, e ao revê-los de longe, com seus cabelos brancos, imaginou que simbolizavam o aceno de um lenço, despedindo-se das salas de aula mas acordando-as em recordações eternas.

41

O erro e a pessoa que errou

Naquela tarde, (vete descarregou sua raiva contra o filho...

- Você é mesmo um estabanado, Luiz Paulo. Nunca presta atenção no que faz e, andando como um cego com essa mochila, acabou esbarrando no vaso, e fazendo essa imensa sujeira. Será, meu Deus, que eu posso acalantar a esperança de que um dia você se torne uma pessoa melhor, equilibrada e prestimosa?

Horas depois, Luiz Paulo não perdoou a irmã:

-Você está ficando maluca, Júlia! Onde se viu trocar o nome do André com o do Renato e passar um recado que não tinha sentido. Sua idiota! Liguei para o Renato e fiz papel de imbecil...

À noite, chegou a vez do pai:

-Trabalho como um condenado, chego em casa e encontro a água gelada. Você é irresponsável, pensa apenas na novela e esquece de ligar o aquecedor... Será que eu vou ter que ligar lá do escritório, para dizer que estou saindo e que você deve providenciar água quente? Será que você não pode ser mais cuidadosa?

Antes de deitar, Luiz Paulo fechou o ciclo:

- Papai, você é ridículo. Esqueceu de pagar a mensalidade da escola e, por sua causa, eu passei um papelão quando o professor César chamou-me em sua sala... Sei que o senhor não gosta de ouvir coisas que o aborrecem, mas eu precisava falar. Senti-me humilhado e tudo por sua causa...

O ciclo continuará no dia seguinte, depois no outro e mais outro. Não importa se quem o inicia é o filho, a irmã, a mãe ou o pai, mas a relação entre eles é sempre

marcada pela culpa, acusação, crítica, inquirição... A vida deles é um inferno e, cada um, está sempre à espreita esperando o erro do outro para o ataque fulminante.

Ficaria mais fácil, mais gostoso e muito melhor se Ivete, com o sacrossanto direito à raiva, a atirasse contra o erro de Luiz Paulo e não contra sua pessoa. É frustrante chegar em casa e perceber a desatenção do outro, mas é mais fácil criticar essa desatenção que seu agente.

Iniciar um novo ciclo de relações, afinal, não é tão difícil assim...

Alexandre e Vladimir

O segredo do professor Alexandre era Maiakovski. Para ser mais preciso Vladimir Vladimirovich Maiakovski, poeta russo que viveu entre 1893 a 1930 e foi uma das maiores figuras da literatura russa, após a revolução de 1917. Adepto do movimento futurista, foi o grande poeta revolucionário que despoetizou a poesia e que, fulminado pelas contradições do regime, suicidou-se.

p distância entre Alexandre e Maiakovski, entretanto, eram imensas. Alexandre nasceu trinta anos após a morte do poeta e, pouco versado em letras, formou-se em Física. Professor excelente, disputado por escolas públicas e particulares, foi sempre um admirável administrador da disciplina em sala de aula. Firme, austero, carrancudo nos primeiros dias do ano letivo, sabia construir os limites do possível e do tolerável e, pouco a pouco, levar seus alunos a perceberem que toda liberdade nasce de uma conquista, e esta, quando obtida, abre espaço para a descontração sem a perda da disciplina. Com muita autoridade, sem ser autoritário, suas aulas pareciam atos teatrais onde alunos e mestres interagiam com humor e muito amor.

Onde entra Maiakovski?

Maiakovski penetrou na sensibilidade de Alexandre ainda na adolescência. Naquele maravilhoso período da vida e do amor onde até futuros físicos se fazem poetas, Alexandre descobriu uma poesia que contaminou-lhe a alma e jamais abandonou seus ouvidos. Disse-a para si mesmo tantas vezes que, sem se preocupar em memorizá-la, sabia-a até de cor.

E de que falava essa poesia?

Falava de alguém que não tinha se rebelado quando roubaram-lhe a primeira flor do jardim. Por não ter usado sua autoridade, nada fez quando destruíram seu canteiro e,

por nada ter feito, nada pôde fazer quando entraram em sua casa, mataram seu cão e arrancaram-lhe a liberdade pela garganta.

O jovem Alexandre viu-se personagem do poeta e, em sua vida, jamais aceitou o primeiro passo quando sabia que deveria dizer não ao cabo do segundo. Com esses versos em seu sangue, recusou o baseado oferecido e solidificou a fibra indispensável para chegar até onde queria.

Jamais recitou os versos de Maiakovski para seus alunos, mas sabia fazê-los descobrir em suas atitudes e em suas ações. Melhor que ninguém, compreendia que o dia em que cedesse a primeira ousadia, o primeiro desrespeito, o desafio abusado, não mais poderia impedir que sua liberdade em dar aulas fosse-lhe arrancada pela garganta.

43

Mirian Nonato nasceu em Marabá...

Mirian Nonato nasceu quase às margens do Tocantins, na cidade de Marabá.

Filha de pai piauiense e mãe mineira, cresceu na periferia da cidade, tendo poucas oportunidades interativas. Coursou o primário, como se dizia em seu tempo, desconhecendo fundamentos construtivistas. Com imenso sacrifício da família inteira, fez-se doméstica e, depois, professora. Mais tarde, casada, migrou para São Paulo e, tímida pelas poucas leituras que pôde fazer, empregou-se como inspetora de alunos em um colégio particular. Curiosa, perguntava tudo e de tudo procurava saber. Em suas horas de lazer, transforma-se em rata de biblioteca.

Anos depois, encorajada por colegas e bem-sucedida nos breves momentos em que as substituíra, prestou concurso e foi aprovada. Ganhou direito de lecionar em uma escola distante, às margens de uma das maiores favelas de São Paulo.

Um dia, assistindo a uma palestra, ouviu falar de Inteligências Múltiplas. Interessou-se pela possibilidade infinita do desenvolvimento de estímulos e ficou encantada em poder, simultaneamente à possibilidade de seu trabalho pedagógico rotineiro, desenvolver em seus alunos a sensibilidade tátil, a acuidade visual, a percepção auditiva, o aperfeiçoamento do paladar e outras linguagens do homem com seu mundo.

Reprimida pela diretora que exigia a rígida e estática programação vigente, convenceu os pais a deixarem seus filhos quinze minutos a mais, em cada dia.

Realizou um milagre. Em pouco mais de seis meses de trabalho, ensaiando e errando, buscando, lendo, criando, discutindo, criou instrumentos específicos e em toscas caixas vazias de sapatos guardava pedras, conchas, tampinhas, apitos, pios de caçadores e outras sucatas de onde tirava o instrumental para o treino das sensibilidades.

Mirian pequenina, negra, paraense, migrante... apenas um pedacinho de gente.

Mirian Nonato, uma das maiores entre as imensas educadoras anônimas deste incrível país.

A história verídica de Pedro Só...

Segundo seus pais pensavam, Pedro possuía uma limitação física irreversível. Era totalmente surdo. Cercado por eterno silêncio, teve dificuldades enormes para aprender a falar, sendo por todos confundido como deficiente mental.

Mas Pedro era uma criança feliz. Arteiro, gostava de pregar peças fazendo seus pais e irmãos, freqüentemente, perceberem-se iludidos. Nessas horas, ria alegremente, e mais, ainda quando sua mãe acumulava-o de intermináveis ladainhas e aconselhamentos infinitos. Nessas horas, Pedro tirava disfarçadamente seu aparelho contra a surdez e, de olhos fixos na mãe, fingia ouvir broncas intermináveis. Quando a mãe se acalmava, recolocava o aparelho e deixava, sempre, em todos, a dúvida de ouvir ou não o que lhe era dito.

Um dia, um otorrino de renome examinou Pedro e transmitiu a todos uma ótima notícia. Seu caso não era irreversível e com uma cirurgia Pedro poderia ser curado. A família exultou de alegria e, com sacrifícios imensos, acumulou o dinheiro necessário para a operação.

Sucesso absoluto. Pedro passou a ouvir sem qualquer aparelho e, agora com doze anos, tornara-se uma pessoa normal. Por algum tempo o vastíssimo mundo dos sons encantou-o, mas, tempos depois, descobriu-se infeliz. Já não mais poderia desligar seu aparelho para o resto de seus dias e teria que suportar o volume incomensurável de acusações, críticas e repressões. Sentiu irretornável saudade de seu tempo de surdo, quando podia mergulharem seu mundo inviolável de silêncio e transitar pelo tempo sem as mensagens de agressão.

A paródia de Pedro Só lembra os dias da vida dos professores. Com repetida freqüência surgem decretos, leis, portarias, normas, regras, fundamentos, princípios e sabe-se mais lá o quê, ameaçando sua segurança e impondo restrições à sua criatividade e à dimensão de seu afeto na crença do trabalho verdadeiro.

Felizes são todos aqueles que, como Pedro, desligam simbolicamente seus aparelhos e tornam-se surdos aos burocratas, aos discursos inconsistentes dos novos “messias do pedagogês”, ao pessimismo permanente, à ameaça estéril.

Surdos contra a inutilidade, constroem um saber com consciência, um trabalho com humilde coerência.

45

A noite do ano mil

Conta uma lenda que alguns anos antes no ano mil, onde hoje é a Europa, começou a circular a notícia de que o mundo acabaria em 31 de dezembro de 999.

As trevas culturais da época fizeram com que o boato se transformasse em pânico e, alguns anos antes da data fatídica, já não mais se produzia na eminente certeza da morte. O lixo acumulou-se nas vielas, os camponeses abandonaram as plantações e os animais se desesperavam pela ordenha inútil.

Nesse clima de angústia e desespero, onde a única certeza era o final dos tempos, chegou a noite de 31 de dezembro. A neve caía pesada, mas, ainda assim, as pessoas se acumulavam pelas praças, esperando com pavor o momento do fim. Nesse ambiente de exasperante certeza, em uma vila distante, um ferreiro resolveu conclamar seus vizinhos a darem-se as mãos e, desta forma unidos, esperarem pelo momento final. Seu apelo surtiu surpreendente efeito e, em pouco tempo, uma imensa multidão de pessoas uniu-se pelas mãos à espera do fim.

A meia-noite chegou como chegam todas as meias-noites.

Na gelada madrugada, ainda de mãos dadas, milhares de pessoas olhavam para o alto à cata do indício do final dos tempos. Com os primeiros raios de sol descobriu-se que o fim do mundo representara apenas uma fantasia e que, mais do que nunca, a certeza da vida exigia a volta ao trabalho, a reorganização das vilas e a reconquista do campo.

Quase mil anos depois, o final dos tempos não mais assusta, graças à conquista da ciência e ao avanço da tecnologia. Não há por que temer o século XXI a não ser nos países que não cuidam como devem da educação de sua gente e o profissional que a executa.

Nesses países, as pessoas lúcidas que acreditam que somente a educação redime e integra todos os excluídos precisam retomar a atitude do ferreiro e darem-se as mãos para, em nome de um ensino melhor, vislumbrem com esperança renovada e sólida segurança o milênio que vai surgir.

O avô de Camila (11)

Camila ficou fúlgida de raiva com Rafael, seu irmão menor. Solto pela alegre irresponsabilidade de seus três anos, foi uma festa para o Rafa ver todas as bonecas de Camila alinhadas na prateleira. Não teve dúvidas, atirou-as todas no chão e, com elas, todos os móveis pequeninos que faziam desse cenário a mais apaixonante fantasia de Camila.

Revoltada, Camila foi atrás de Milena e, antes de qualquer outro argumento, apresentou seu veredicto irrecusável:

- Mãe... eu odeio o Rafael, quero que ele morra já!

Milena ficou atônita com a filha. Entendia seu desapontamento e até se dispunha ajudá-la. Mas, essa raiva, acompanhada dessa sentença terrível, era intolerável. Não teve dúvidas: sapecou um peteleco na parte do corpo da filha com o justo arredondamento das mãos maternas e se exasperou:

- Nunca mais fale essa bobagem, Camila. Deus pode castigá-la e tirar-nos o Rafael...

Nivelada ao poder supremo e sentindo-se pesadamente culpada, foi, chorando, à procura do pai. Desta vez, sua queixa abrigava tanto o Rafa quanto a mãe.

Acolhendo-a ao colo, Luiz Antônio procurou consolá-la:

- Não chore, Camila. Sua mãe ficou nervosa e você jamais poderia ficar com tanta raiva assim do Rafael. Afinal, ele é seu irmão e todos nós nos queremos muito.

Pobre Camila. Entre a raiva e a culpa, sentiu perder a razão, a amizade do Rafa, a compreensão da mãe e o respeito do pai. Salvou-a desse dilema a paciência do velho Leonardo:

- Ah, Camila, você, quando tinha seus três anos, era igual ao Rafael; não deixava nada no lugar. Nessas horas, sua mãe também ficava irritada, mas logo depois achava graça e abraçava você com todo carinho do mundo. Eu mesmo, algumas vezes, quando não acho meu cachimbo, já fico pensando que somente o Rafael seria capaz de tirá-lo do lugar.

Avô e neta, sorrindo, caminharam depois para o quarto bagunçado, deram boas gargalhadas imaginando o que as bonecas pensariam do furacão chamado Rafael e gostosamente “brincaram” de arrumá-las em seu lugar.

Camila adorou a brincadeira.

Professor Tônico

Antônio Figueredo, vulgo Tônico, migrou para a grande cidade, encantado em ser policial. Ingressou e fez carreira e, tempos depois, destacou-se como guarda de trânsito. Passava o dia dirigindo fluxos de veículos e fez das cores vermelho, amarelo e verde o símbolo de seus desafios. Sem que percebesse como, adotou para sua conduta pessoal os sinais de trânsito coloridos e quando conversava consigo mesmo eram esses os ícones que adotava:

-Ah, isso eu posso comprar, minhas reservas estão verdes!... calma lá, não coma muito que seu peso já está no amarelo... nada feito com o programa de domingo, estou no vermelho...

Incendiado de paixão por Marlene, resolveu acompanhá-la em seu curso universitário. A princípio apenas pela gratificação da companhia, depois, pela embriaguez dos resultados colhidos, concluiu o curso e descobriu-se professor. Não abandonou a antiga profissão, mas soube equilibrá-la com a nova. Guarda de trânsito durante o dia, professor de História à noite. Em pouco tempo colheu, dos alunos e colegas, a mesma simpatia que arrebatava em seu serviço como policial. Deixava sempre muito claro para todos os seus alunos:

- Pois é, amigos, a atitude verde abriga posturas aceitas e desejadas; significa brincar somente em momentos permitidos, ligar-se aos conteúdos, indagar pelas dúvidas, cumprir as tarefas, viver a história como se o tempo de ontem chegasse agora...

- E o amarelo, professor?

- O amarelo encontra-se em algumas atitudes não corretas, mas que de uma certa forma eu posso aceitar, vez por outra.

Assim, quando eu parar a explicação e olhar firme para você, perceba-se amarelo e chegue-se ao verde. Está claro?

- Claríssimo, mestre. Nem precisa nos falar do vermelho.

E, realmente, Tônico muito poucas vezes precisou. Substituiu “broncas” por avisos amistosos, protestos por lembretes sorridentes:

- Calma lá, Vladimir... desligue-se desse amarelo... E você, Cecília, chegue mais ao nosso verde... Atenção, pessoal, essas idéias constituem os ganchos do assunto, não vão se distrair e envolver-se em um vermelho...

Diziam os chineses com sua milenar sabedoria que não importava a cor do gato desde que comesse o rato. Não importava o símbolo, o essencial é que Tônico levava seus alunos a perceberem os limites, a compreenderem a essência das regras. Disciplina em sala de aula é isso aí, pessoal...

O avô de Camila (111)

Camila, mal chegou em casa, desprendeceu-se da mochila, e correu para seu quarto chorando. Milena, assustada, foi ao seu encontro e procurou saber o motivo de tanta amargura:

- Nunca mais volto para a escola. A professora Helena gritou comigo... morri de vergonha... Milena sabia que tinha diante de si um problema. Não podia levar a filha a perder seu sentimento de respeito à mestra e, se Helena agiu dessa maneira, certamente é porque Camila aprontara uma das suas. Conhecia a filha e sabia que essa pequena flor nem sempre apresentava delirante aroma. Não teve dúvidas em seus conselhos:

- Olha, Camila. Conheço bem a Helena. Sei que é uma ótima professora. Se ela gritou com você, certamente estava sabendo o que fazia. Você vai voltar para a escola amanhã e, é claro, vai respeitar sua professora. Garanto que, se fizer tudo que ela mandar, jamais ficará humilhada.

Luiz Antônio pensava diferente. Confidenciou para a esposa:

-Sabe, Milena, já não mais se fazem professoras como antes. Essa Helena, certamente, é uma dessas professoras que mal concluíram o curso e já se consideram “donas” dos alunos. A atitude dela com a Camila não se justifica; somente os pais podem repreender seus filhos... Amanhã mesmo, passo pela escola e vou conversar com o Diretor. Exijo uma reunião entre essa tal de Helena, a Sandra, Coordenadora do primário e o Diretor. Se não me atenderem, tiro a Camila da escola.

No dia seguinte, Luiz Antônio não passou pela escola. Teve o bom senso de perceber que, enquanto tomava café, seu pai Leonardo conversava com Camila. Ouviu com atenção:

- Ah, Camila. Bem sei como é chato levar uma bronca na frente de todo mundo. Nessa hora bem que a gente tem vontade de sumir. Não é assim? Você deve ter se sentido péssima com tudo isso, não se sentiu? Então, meu bem, é muito natural esse seu sentimento... Pessoas que gostam de si ficam mesmo aborrecidas quando são vítimas de uma bronca. Esqueça, porém, essa mágoa. Isso já passou. Sente aqui em meu colo e conte como tudo começou... Leonardo ouviu Camila. Com a paciente ternura de avô, reconstruiu a cena, legitimou a raiva da neta, participou junto de sua frustração, foi honesto ao mostrar onde a neta errou e sincero ao sugerir:

- Sabe, Camila. Procure a Helena, diga a ela que você não agiu certo, mas que ficou muito sentida com o que ela falou. Combine que tentará não repetir seu erro e que, se repetir, saberá compreender quando for chamada à parte. Tudo bem?

O ratinho de Lobato e o construtivismo de Diana

Monteiro Lobato conta, em um de seus livros, uma fábula inesquecível. A singela história de um ratinho que, por ousadia ou paixão, sonhou com um feito monumental. Pensou em derrubar um dos pilares do céu e desta forma fazê-lo se abater sobre os homens; mas descobriu entristecido que roera apenas uma vara um pouco mais alta que as outras que conhecia; imaginou transportar o oceano de um lugar para outro e o que fez foi apenas secar irrisória lagoa. Restituída a humildade de sua força, desistiu de uma tarefa imortal e concebeu apenas arrasar o pequeno monte que fechava a vista entre o mar de sua toca.

Lentamente, pedacinho a pedacinho, foi transportando bocadinhos de terra e, nessa tarefa imensa, envelheceu. Descobriu, um dia, que havia se livrado do morro e aprendeu que com paciência e persistência não se destrói o mundo, mas se realiza uma obra aparentemente impossível. Morreu feliz, assistindo ao mar e realizando seu sonho de grandeza.

A pequena fábula de Lobato se aplica às angústias e ao desespero da professora Diana. Concluindo o magistério antes dos bons tempos que Piaget, Freire, Vigotsky, Emília Ferreiro, Freinet, Gardner e outros gigantes fossem livremente pensados e discutidos, apavorou-se quando foi obrigada a aprender e praticar construtivismo.

Quis, tal como o ratinho da fábula, perceber tudo de uma única vez e chegar à prática pela avalanche da teoria. Deixou de ser a boa professora que era sem se tornar a nova mestra que pretendia ser.

Voltou atrás. Achou melhor não renunciar abruptamente aos valores praticados e também não deixou de estudar, aprender e, pedacinho a pedacinho, praticar.

Iniciou seus alunos na ação e construiu conceitos a partir de experiências ensinadas pela vida; abandonou o conteudismo estéril e construiu o hábito de usar habilidades

operatórias. Fez de sua sala de aula um espaço de informação e de formação que ajudava o aluno a se inserir no dia-a-dia de sua sociedade e, depois, do mundo inteiro. Percebeu que nada pode substituir a atuação do próprio aluno na missão de construir significados sobre os temas da aprendizagem. Não mais se preocupou em ensinar seus alunos, mas em fazê-los aprender a aprender e, com muito jeito e imensa paciência, substituiu a tirania das frases prontas pela beleza singela das conexões entre idéias e palavras. Suas avaliações buscavam “significar” a parcela da realidade apreendida. Explorou nos seus alunos a observação, a reflexão, o conhecimento e fez-se sua cúmplice na alegria em dar nova dimensão ao tato, paladar, olfato e audição.

Não soube dizer exatamente quando, mas um dia viu-se convidada para falar de sua prática em um congresso em que se discutia a perspectiva construtivista.

Foi como se ouvisse, lá de sua toca, o som do mar e, encantada, descobriu que bocado a bocado destruía o que pensava ser imensa montanha.

Um professor, uma mulher, uma flor

Terceira Guerra Mundial, como todos sabem, trouxe o colapso da civilização.

Megalópoles, cidades, vilas e aldeias foram destruídas e até mesmo o campo foi devastado pelas granadas atômicas. A maior parte das pessoas morreu e os poucos sobreviventes, aturdidos, perderam estímulo para a vida e os resquícios da auto-estima. O trabalho foi abandonado, os animais sobreviventes caíram sobre o que restava de alimentos e a fome se abateu sobre as ruínas. Pior que isso, entretanto, sobrava a desilusão e o fim de toda forma de esperança.

Um dia, uma jovem, que nunca havia visto uma flor, descobriu a última que nascera entre os escombros. Encantou-se e buscou cúmplices para descobrirem estratégias para fazê-la sobreviver. Passou por muitos, mas não encontrou ninguém. Quando, desiludida, voltava à sua flor, encontrou um jovem professor que se interessou por sua história.

juntos, foram até a última flor. Com infinita paciência e renovados pela ternura, construíram toscos meios para protegê-la dos resíduos químicos e dos animais famintos. A pequena flor sobreviveu e transformou-se em sementes; ao seu lado surgiram outras flores e, depois, mais outras. Após algum tempo, um canteiro florido recobria como uma ilha o espaço desolado. A jovem fez-se aluna e começou a se interessar por sua aparência e o rapaz assumiu sua missão de mestre e aprendeu a cuidar-se. Construíram um abrigo ao lado do canteiro e, aos poucos, outras pessoas descobriram beleza no singelo espaço. Surgiu uma escola e, de suas aulas, uma vila. Foram criadas novas profissões. A alegria e a esperança voltaram a reinar entre os homens.

A cidade foi reconstruída em torno da escola e do canteiro e as lições e as flores passaram a expressar seus símbolos. Logo, poetas, agricultores, cantores,

naturalistas, músicos, mímicos, malabaristas adotaram a cidade. Líderes, também líderes. As pessoas que viviam nas planícies passaram a reclamar direitos sobre as colinas e os moradores destas, a lutar pela posse da planície. Surgiram guerreiros, sargentos, políticos, lutadores, comandantes e matadores.

A guerra tornou-se inevitável e desta vez a destruição nada deixou sobre os escombros.

Nada restou, apenas um professor, sua aluna e uma flor.

Esta bela parábola foi adaptada de um monólogo de Bertold Brecht. Ensina que um professor e seus alunos constituem o símbolo da reconstrução e a singela flor da esperança.

Ainda existem estrelas no céu

O maior entre os sonhos de Guilherme era ingressar na Faculdade. Envolvido por uma época onde exames vestibulares representavam a única alternativa e sabendo-se fragilizado pelo supletivo que concluíra, matriculou-se em um cursinho.

Estudou como nunca o fizera. Obcecado pelo alcance do sonho, “devorou” livros e apostilas. Cumpriu, em um ano, tudo quanto desejara ter feito nos anos anteriores. Aprendeu a calcular, alfabetizou-se em Geografia e descobriu a bússola para navegar pela História. Fez-se bom em Física, seus colegas o viam como gênio da Química e tornou-se íntimo de Mendel e Darwin. Reconstruiu seu falar, transformou regras gramaticais no cotidiano do papo e com Machado, Euclides e Drummond fez parceria.

Ganhou confiança. Sentiu-se forte. Ensinou colegas, distribuiu dicas e ganhou o apelido de Aurélio em alusão ao seu rico vocabulário. O vestibular estava “no papo” e o sonho era apenas questão de espera.

Chegou o dia. Entrou para a prova confiante, seguro, absoluto. Saiu arrasado, reduzido, esmagado. Um inexplicável “branco” se abateu sobre os neurônios e as sinapses fizeram greve. Odiou-se.

Caminhou, sem destino, pelo parque. Misturando a vergonha do retorno aos pais com a certeza de sua inutilidade. Sentou-se em um banco e aguardou o anoitecer. Não foi capaz de impedir as lágrimas teimosas que escorriam pela face. Em sua confusão mental, misturou os últimos assuntos estudados com o imenso caos de suas esperanças. Lembrou-se de uma aula de Física sobre as galáxias e procurou estrelas pelo céu nublado.

Não havia estrelas no céu. Corrigiu-se. Não era possível enxergá-las; mas a ilimitada convicção científica garantia sua inquestionável presença. Elas, as estrelas, lá estavam, as nuvens escondendo-as ou não.

Pensou em sua vida. Percebeu que, arrasado pelo fracasso, não via estrelas de esperanças mas, tal como os astros, não podia duvidar de sua existência. As nuvens podiam obstruir os sonhos, mas não possuíam energia para fulminá-los. As nuvens são arrastadas pelo vento e as estrelas ressurgem; os fracassos são esvaziados pelo tempo e os sonhos mostram-se vivos e consistentes.

Levantou-se do banco inundado de esperança. Reconstruiu seus passos e voltou aos livros. Com serenidade e ternura reviu as teorias e consolidou suas certezas. No ano seguinte buscou de novo o vestibular. Foi o primeiro classificado.

Nunca mais deixou de procurar estrelas pelo céu; mesmo quando as sabia cobertas pelas nuvens.

Terezinha de Jesus

Terezinha de Jesus aposentou-se como uma das mais extraordinárias professoras de sua cidade. Competência, carinho, paixão, prestatividade e organização, foram muito mais que palavras que marcaram suas ações pelas escolas do município. Educou três gerações de homens e mulheres e ajudou a fazê-las pessoas. Muito antes do modismo ecológico, soube fazer da defesa do meio ambiente uma bandeira de abnegação e liderou memoráveis campanhas pelo lixo seletivo, pelos excluídos, pela moralidade política. Em sua história de vida e em seu exemplo como mulher, somente ela mesma foi capaz de conhecer de perto os três cavaleiros que necessitou derrotar para chegar ao seu honrado destino.

Quando, ainda jovem, descobriu três personagens simbólicos que correram ao seu encontro. O primeiro foi a crítica. A ácida crítica ao seu passado, a sua independência e a ousadia de descobrir-se mulher e assumir a plenitude da sensualidade. Foi muito difícil ser aceita na grandeza inquestionável de sua individualidade e não se curvar aos preceitos impostos por todos, quando exigiam o direito a modelar seus caminhos.

Após vencer a crítica, cercou-a o desdém, a indiferença. Por não se curvar aos modelos exigidos, viu-se muda em seus sentimentos e em seus apelos. Na cidade de quentes verões, viveu a gélida frieza das pessoas e a cruel indiferença da comunidade. Somente seus alunos, e principalmente os menores, souberam responder aos gritos silenciosos de sua tenacidade e reconhecer a infinita ternura de seu trabalho.

Ao acreditar que estava inteiramente em pé, descobriu o terceiro e ainda mais cruel cavaleiro. A traição. Traição dos supostos amigos, pérfida traição de alguns colegas com quem dividira o pão. Ainda nessa hora, quando mil vezes mais fácil seria a renúncia, a despedida, o abandono à missão, descobriu em seus alunos a coragem

lúcida pela reação e a serena confiança na ajuda do tempo e confiança no trabalho. Tempo e trabalho saberiam levar para bem distante os três cavaleiros que cercaram sua mocidade.

Finalmente agora, na despedida da escola, no simbólico passar para seus substitutos os novos alunos, podia olhar com nobreza pelo passado e reconstruir os obstáculos vencidos. Sorriu com a doce serenidade de quem, pelo amor ao magistério, soube trocar pela dignidade do perdão a violência da crítica, a frieza do desdém e a angústia da traição.

Em silêncio, evocou os versos da modinha que adaptara ao seu nome:

“Terezinha de Jesus de uma queda foi ao chão, acudiram três cavaleiros, crítica, desdém e traição”.

Celso Antunes nasceu na cidade de São Paulo em 1937, em uma chácara no bairro do Brooklin Paulista. Passou a maior parte de sua infância e formação descobrindo trilhas de formigas, jogando botão, futebol ou pendurado em alguma árvore. Em alguns momentos menos interacionistas frequentou a escola pública ou particular e, através das mesmas, chegou até à Universidade de São Paulo, onde se fez professor de Geografia em 1969. Ministrando aulas desde antes de sua formação, mergulhou profundamente no ensino e na descoberta de suas técnicas. Com 26 anos publicou seu primeiro livro e, após esse, jamais parou, totalizando cerca de 170, muitos dos quais traduzidos. Suas obras seguiram sempre duas linhas paralelas que sempre interagiram: obras de geografia e reflexões sobre a construção da espacialidade e sua aprendizagem ou obras pedagógicas, sobre técnicas de ensino, estratégias de avaliação e sensibilização. Atualmente é coordenador geral de Ensino de Graduação nas Faculdades Sant'Anna de São Paulo, diretor do Colégio Sant'Anna Global, consultor de diversas revistas especializadas, e, ainda assim, sempre acha tempo para cursos, palestras ou aulas furtivas, roubadas de seus colegas. É casado com Wanda, uma professora de Filosofia, possui dois filhos casados e ele próprio, além da Wanda, casou-se também com o computador.